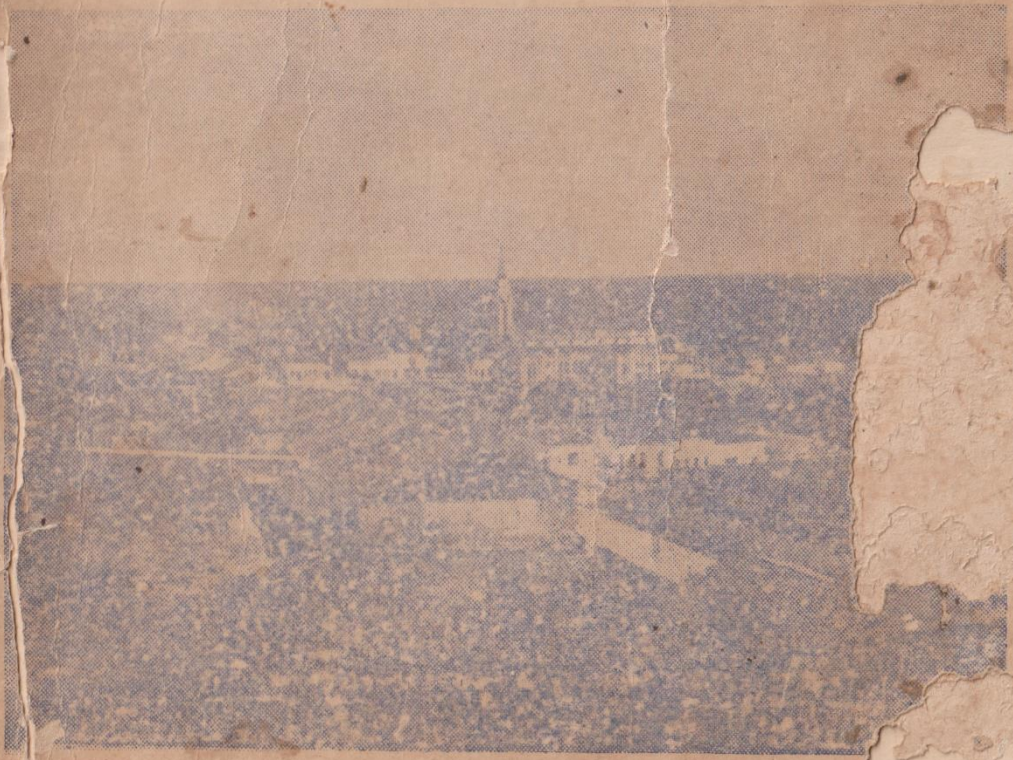
JOÃO DAMASCENO VASCONCELOS

CINZA E FAGULHAS

(POESIAS)



VISTA PARCIAL DE BELA CRUZ

AO LEITOR

Reuni neste modesto livro intitulado: "CINZA E FAGULHAS", um punhado de versos, que agora ponho em vossas mãos, tendo em vista, sobretudo, a par da sua mensagem espiritual, assinalar o evento comemorativo do 15º aniversário da emancipação política do Município de Bela Cruz, ocorrido a 23 de fevereiro do corrente ano.

A colheita dos seus poemas foi feita, ao acaso, de que restou das chamas absorventes dos cuidados e afazeres cotidianos (cinza e fagulhas), como Rut ao respigar da seara de Booz.

Escrevi-os sem preocupações de ordem estilística, relativa a esta ou àquela escola, muito embora, conservando em suas estruturas,

(Continua)

CINZA E FAGULHAS

OBRAS DO MESMO AUTOR:

A Congregação Mariana no Mundo Moderno (*onferência - 1948*)

Retalhos de Sonhos — Poesias — 1956

A Sonhar e a Cantar — Poesias — 1968

Mário Domingues Louzada — Dados biográficos — 1971

NOTA.—Capas, vistas parciais da cidade de Bela Cruz

JOÃO DAMASCENO VASCONCELOS

CINZA E FAGULHAS

POESIAS

Edição comemorativa do 15.º aniversario do Municipio de Bela Cruz

ESCOLA JOÃO DAMASCENO
BIBLIOTECA MARIA GLADYS
BELA CRUZ - CE

BELA CRUZ — Ceará
1972

DEDICATÓRIA

Ao Exmo. e Revmo. Sn. Dom MANOEL EDMILSON CRUZ, Bispo Auxiliar da Arquidiocese de São Luiz, no Maranhão, como testemunho da nossa admiração e do nosso respeito.

Ao Exmo. Snr. José Milton de Oliveira, dinâmico Prefeito do Município de Bela Cruz, com reconhecimento e estima.

Aos Revmos. Snrs.:
Mons. Odécio Loiola Sampaio, querido Pároco e o máximo benfeitor de Bela Cruz,

e

—Côn. Joviniano Loiola Sampaio, Diretor da Faculdade de Filosofia de Sobral, e grande amigo da nossa Paróquia e da nossa cidade; a ambos, com o nosso preito de amor e consideração.

Ao Colégio e às Escolas locais, viveiros sadios e fecundos da educação e da cultura, com a nossa simpatia e o nosso apreço.

Aos nossos conterrâneos e amigos, e, finalmente, a todas as pessoas sucetíveis de sensibilizar-se às criações do espírito, por mais simples e modestas que elas sejam, como esta, a cujas mãos venha ter o presente volume. Para todos estes, foi ele escrito, com todo o nosso amor e o nosso carinho.

O AUTOR

ESCOLA JOÃO DAMASCENO
BIBLIOTECA MARIA GLADYS
BELA CRUZ - CE

Homenagem à Cidade de Bela Cruz

BELA CRUZ

Cidade Debutante-1972

Bela Cruz, eu te saudo, ao som da lira !
Tua rara formosura que me inspira
Eu venho decantar. Teu resplendor
Empolga os filhos teus de puro amor,
Com tal vigor e tal perseverança,
Que aos nossos constitue marcante herança
E, unido ao amor da Pátria Brasileira,
Nas plagas do Ceará, fá-la a primeira.

Almas sedentas de arte e de beleza,
Em suas motivações, a Natureza
Aqui a jorrar a autêntica poesia
Faz da cidade um sonho de harmonia.
Da fábrica o silvar enchendo o atalho
Convoca os operários ao trabalho.
Lá da Matriz badala o carrilhão
A conclamar os homens a oração.

Nela pôs o Criador, com perfeição,
O encanto virginal da criação,
Como a nobreza do seu grande povo
Amante do seu Deus, com afeto novo;
Que no trabalho ordeiro e progressista
Se desenvolve e cresce à nossa vista;
E assume o aspeto de cidade grande
Que em ruas e praças e jardins se expande

Seu Templo augusto — a Casa do Senhor,
Honra a sua tradição da crença e amor.
A Virgem Santa Mãe do Onipotente,
Tem sobre si sua proteção clemente.
Seu Patronato e suas Escolas são
Colmeias da cultura e da instrução.
No seu regaço a gente é mais feliz
E os seus encantos perenais bendiz.

Dos cajueiros, dos vastos carnaubais,
D'algarobas em flor, dos matagais,
Às horas calmas ou de fresca brisa,
A passarada lhe parabenisa.
De noite, a branca lua enamorada,
Lá do ceu lhe festeja deslumbrada.
Aos dias, um sol bacana, em mar de luz,
Envolve, apaixonado, Bela Cruz.

Igrejas, monumentos e edificios,
Erguem mais alto os claros frontispicios
Que a dominar pontilham na paisagem.
E eu vejo desenhar-se a sua imagem,
Qne na arrancada hercúlea do progresso
Por seus próprios esforços pede ingresso,
Com argumentos e estimulos vitais,
Nas atenções dos orgãos oficiais.

Nas manhãs invernais, manhã brumosas,
Coroam-lhe um veu de noiva e muitas rosas.
Na diáfana leveza os seus vestidos,
Os contornos, revelam, definidos,
Na imprecisão das cores alvejantes
Que pairam sobre si nesses instantes,
Como um sonho de paz e de bondade,
Às vastas estruturas da cidade.

Os seus conjuntos arquiteturais
Dispostos em traçados magistrais,
Descortinam soberbo panorama,
Ó! lindo de morrer, que nos conclama
A comparar-lhe, enfim a uma princesa
Em sua elegância e charme de beleza
Que nos encanta e nos seduz. É, pois,
A debutante ideal setenta e dois.

. . . . . .

Ao vir comemerar-te os quinze aninhos
De vida emancipada, e os pergaminhos
De uma cidade livre e descontraida,
Na evolução dos tempos aquecida,
Receba, Bela Cruz, meus parabens!
Que o Senhor te conceda imensos bens;
E ao teu destino, séculos de História,
De grandeza, de amor, de paz, de glória.

Homenagem Especial ao BRASIL
e à Empresa Brasileira de
Correios e Telégrafos - ECT

MEU BRASIL

No sesquicentenário
de sua Independência

Avante! meu Brasil sensacional,
Que do sub mundo das Nações egresso,
Os laureis triunfais do teu sucesso,
Constituem-se em manchete universal.

Encontraste o caminho ascencional
Da arrancada viril do teu progresso.
No concerto dos grandes tens ingresso,
Da paz e hegemonia continental.

Da impoluta grandeza pátria à vista,
Se envergonhe o corruto, e, ao terrorista,
Regenerar-se dos seus crimes, perde-se...

No grande evento pátrio, um voto externo,
De louvor e confiança no Governo
De Sua Excelência — o Presidente Médici.

QUEM?

Ao Dr. Pedro Ivo Galvão

Quem leva aos lares ricos da cidade,
Como às choupanas pobres das favelas,
Desde as grandes metrópolis mais belas,
Às mais humildes vilas, com equidade,

Fator de integração social, aquelas
Mensagens, esperadas com ansiedade ?
E quantas cousas mais de utilidade,
É seu prazer levá-las e trazê-las ?

É sua motivação, certo, a maior,
O público servir, sempre melhor,
Nas comunicações. Como se vê:

É a Empresa Brasileira de Correios
E Telégrafos, gente, em nossos meios
Conhecida, tambem, por ECETÊ.

CINZA E FAGULHAS

CINZA E FAGULHAS

— I —

Cinza e Fagulhas louras desprendidas
Ao choque, sem tumulto, das ideias,
Ide, cantando, em floraçoes vividas,
Aos lares camponeses e às aldeias.

Sereis decerto, ao preconceito, arguidas
De origens chãs, matutas e plebeias
Nas grandes urbes, não tereis guaridas;
No Chow das letras não tereis plateias.

Cinza e Fagulhas que nascestes cheias
Dos sonhos meus nas zonas aquecidas,
Cuja imortal essência, ora clareias.

Não importa que sejais despercebidas,
Luz atirando às almas e às colmeias
Abertas para os sonhos, para as vidas.

— II —

Tomar-vos-ão, talvez, por velharias,
Ou anacronismos de eras já passadas,
Porquanto ainda inculcais as hamonias
Das "antiquadas formas superadas'.

O ritmo, a rima e a métrica são vias
Inusitadas, hoje, e abandonadas
Na moderna estrutura das poesias
Da nova escola de expressões ousadas.

Prefiro, entanto, a música dos versos
Disciplinados por critérios tersos,
Na sua cadência e proporções medidas.

Do pensamento, às áreas indecisas,
Prefiro imagens claras e precisas,
Áureas, sonoras, nítidas, vividas.

PERSPECTIVAS E CLARÕES

POEMA DA VIDA

Ao Con. Egberto Rodrigues

Quando a essência da vida nos penetra,
Numa visão mais clara e mais vital,
Cada ser, por seu turno, nos soletra
Uma estrofe do poema universal.

Traz-nos sóbria mensagem de beleza
Que da própria existência acidental
Assoma e comunica em sutileza
Às almas que lhe buscam o ser real.

Se o enígma da existência a decifrar,
Não como fê-lo o Edipo, interpelados
Pela Esfinge, de Tebas milenar,
Mas, da arte e pelo amor solicitados.

Mais dócil se nos mostra a natureza,
Em todos os seus seres animados,
Pois nos revela um mundo de grandeza,
E nos seres, tambem, inanimados,

A flor do campo, setinosa e casta,
Que brota em profusão na primavera,
Nos fala da grandeza imensa e vasta
De um Deus que lh'a criou e em tudo impera,

Os sobranceiros montes escalvados,
As planícies imensas e a floresta,
A bela messe e os solos alagados,
Tudo transborda em vida manifesta.

Nos rios, nos regatos, nas lagoas,
Nos rudes temporais, ou na bonança,
Nos mares temerosos, nas camboas,
Brilha em tudo o segredo da esperança.

Um ramo que balança, um canto de ave,
Uma árvore enfolhada e a grama verde,
Nos trazem com sutil perfume a chave
Da presença de um Deus que nada perde.

Pela voz da consciência Deus nos fala
A atrair-nos para o bem e para o amor,
Nos louva e nos repreende; quando cala,
Crêde a alma em patológico torpor.

Os rumores da fábrica e o alarido
Das colmeias humanas que se elevam
Da terra para os ceus, num só ruido,
São a ebulição das forças que revelam,

Nas suas limitações estruturais,
A antológica e simples dependência,
Pelos chamados fatos naturais,
De um supremo poder e onipotência.

Ante a nossa fraqueza, ante a impotência
Contra as rígidas leis da natureza,
Obrigam-nos a crer na Providência,
E o bom senso A proclama com presteza.

São postulados que a razão humana,
Despojada do orgulho e da descrença,
Aceita-os, com a certeza que lhe emana
Da graça atual que a todos Deus dispensa.

Quantas vezes, sentimos, de repente,
Em nós, aquele gesto poderoso,
Como os bons pescadores, lá do Oriente,
Da Galileia no lago tempestuoso.

Quem se julga, entre os homens, poderoso,
Ter suficientes forças e energias,
Por debelar o instinto belicoso
Que nega a evolação dos nossos dias ?

Da profundeza incógnita da terra,
Ou na altura inhosférica do espaço:
Quer na órbita da lua, o homem encerra
Problemas que transcendem o seu regaço.

O desejo de uma vida mais perfeita
E imutável, no amor e na bondade,
Felicidade nunca satisfeita,
Nos seus precários dias, à humanidade.

Como Santo Agostinho, muita gente,
Após, longe do porto, errar sem norte,
Achou seu coração ter novamente,
A paz junto de Dens bondoso e forte.

As promessas de Deus calam profundo
No íntimo de nossa alma redimida,
Pois Cristo libertou-nos neste mundo,
E nos repôs na verdadeira vida.

Na vertigem da vida e do progresso
Que arrasta a humanidade, em nossos dias,
Se obtemos à sua altura ter acesso,
Um vácuo, vislumbramos, de atonias.

Mui surpresos ficamos ante a guerra,
Semeadora da morte e miséria,
Desvastadora infrene, nesta terra,
Das bênçãos do progresso, em louca história.

Mas o ceu se dilata luminoso,
De um fulgor eternal que nos aquece,
Se o coração consente, harmonioso,
Transformar-se numa ânfora de prece.

E, então, ouvimos cantar a natureza
Dos seres num acalanto pertinaz,
O alto poema da vida e da beleza,
Da gratidão e do amor, ao Deus da Paz.

O HOMEM NA CRIAÇÃO

Ao Dr. Ésio Rios Louzada

Para salvar o mundo da matéria,
Da substância da terra fez o Senhor
O Homem, e lhe insuflou por mero amor,
A Centelha Divina, à luz sidéria.

E ao infundir-lhe o espírito imortal,
Entre os dois estabeleceu firme aliança
De recíproca e ilimitada herança
Invencível no bem como no mal.

Feito o homem, Deus o amou com tal fascínio,
Sua semelhança e imagem viu-lhe, então.
E o mandou presidisse a sua criação,
E a terra submetesse ao seu domínio.

E o homem era feliz na liberdade
De fruir da própria vida divinal,
Sentir-lhe o ser em Deus, vivo e integral,
No esplendor inefável da unidade.

Rompera-se, no entanto, esta harmonia
Que tanto sublimara o ser humano,
Da unidade interior, em cujo arcano
Dolorosa rotura produzia.

Após de Adão a queda malfadada,
Fez-se ingrato conflito sob os ceus:
- Fala ao espírito, o Bem, na voz de Deus,
E ao corpo, fala o Mal, na voz do nada.

E ao fim deste combate limitado
Pela morte biológica do ser,
Fixar-se-á o destino que vai ter
O ser total, no que fora inquinado.

Jesus que lhe trouxera a salvação
Com um tesouro de graças poderosas,
Não lh'o dispensa as lutas corajosas,
Suportando, Êle próprio, a tentação.

É o mais perfeito ideal da humanidade,
Permanecer unido sempre a Deus;
É realizar se, plenamente, em Seus
Desígnios generoso de bondade.

É Deus o pólo real do ser humano.
Nele converge toda esta esperança,
Nosso ser nossa vida, nossa herança,
Nosso sonho de glória não profano.

Se a nossa união com Deus for superada
Pelas cousas efêmeras do mundo,
Mergulhamos no irreal, no mais profundo
Abismo da ilusão e do nosso nada.

E os nossos corpos de matéria feitos,
Ressurgirão, nos diz Jesus, um dia,
Solidários na glória ou na agonia,
Às nossas almas imortais estreitos.

ANO NOVO

Ao Cap. Manoel Galdino da Silva

Passageiros do trem de um ano que se finda,
Chegamos à Estação de um ano que começa,
Cansados, da paisagem monótona e infinda,
Da marcha rotineira que o tempo não tem pressa
De lhe mudar o ritmo, e, de cujo saldo, ainda,
Trazemos na bagagem, decepções a bessa,
Algumas lições úteis, alguma experiência
Que nos podem servir no resto da existência.

Descendo ao borborinho alegre da Estação
Do trem que chega ao fim, do trem que agora parte,
Abraços, cumprimentos, festas, com efusão,
Trocamos, mùtuamente, e assim vamos, destarte,
Tomando, novamente, assento no saguão
Do trem deste Ano Novo, ornamentado com arte,
Que agora põe se em marcha, em ritmo inseguro,
Para a grande aventura incerta do futuro.

E vamos caminhando, e temos a impressão
De que a felicidade,—assim diz a esperança—
Havemos de encontrá-la em doce reclusão,
Naquela curva, alem, que a nossa vista alcança,
Para o almejado e grande abraço, ao coração,
Teremos junto ao peito, seu vulto de criança.
De vez que em vão nossa alma ardente a procurou,
Ao longo do caminho, no ano que passou.

HARMONIA

A Nicodemas Araujo

Ouço música e sons por toda a parte,
Fluídos, dispersos, aéreos rarefeitos,
E em concertos intérminos, destarte,
Tais como em concha acústica, perfeitos.

Embora me faleçam engenho e arte
Para cantar seus magistrais efeitos,
Tentarei exprimir, por certo e em parte,
Ouvidos tendo às sinfonias afeitos.

Prelibo-a em gozo até fundir-me um dia
Ao princípio imortal dessa harmonia,
Que me seduz e arrasta, poderosa.

E assim em êxtase, profundo da alma,
Mergulharei sua luz arcana e espalma,
Divina e doce, eterna e majestosa.

ASPIRAÇÃO

Ao Dr. José Gurjão Neto

Sonho uma perfeição que nunca atinjo,
Por muito que me esforçe e discipline
As minhas energias. E a quanto ensine
As regras do perfeito, em vão me cinjo,

Aquele colorido com o qual tinjo
Os quadros que esbocejo, não define
Jamais o ideal do esteta que elimine
As falhas no que faço e me restrinjo.

Nesta busca do ideal inatingido,
A que me sinto assim comprometido,
Afilijo-me, constante, e me angustio.

Mas toda vez que alcanço, ou que consigo
Um pouco da beleza que persigo,
Eu sinto realizar-me no que crio.

PERSPECTIVA

Há gente que na terra, como filho
Do mundo, tão sòmente se presume.
Às vertigens do vale põe seu trilho,
E nas miasmas do sólo, o seu perfume.

Eclipsa-se-lhe o sol, perdem seu brilho
As estrelas do ceu, o luar seu lume;
E o pensamento humano, em seu rastilho,
O impulso vertical não mais assume.

Seu espírito se arrasta escravisado
Ao chão viscoso e imundo do pecado
Que lhe degrada e prende ao que chamamos

De "terra a terra", e sua cegueira adensa
E se reflete na tristeza imensa,
A tristeza do globo em que habitamos.

ELOGIO DO PROGRESSO

Por certo empolga-me o progresso humano,
Seus variados aspetos multiformes:
—Transportes, comunicações—me ufano
De suas conquistas rápidas, enorme.

Quão no terreno, fazem-se, profano.
Das ciências nucleares, poliformes,
Cuja síntese, mesclam do seu plano,
Arrojos temerários, desconformes.

O surto tecnológico ou mecânico
No esforço formidável e titânico
De dar maior conforto à mocidade.

O avanço que se faz em cirurgia,
O progresso, afinal, da teologia,
Postos ao bem-estar da humanidade.

DO MUNDO

Quem poderá negar o surto extraordinário
Da eletro-técnica e arte em termo pressuposto,
Quando o homem já conquista o espaço planetário,
E faz na cirurgia milagres que dão gosto.

Efêmero, porem, é o mundo e salafrário,
Que envergonhada a história exibe ante meu rosto,
As guerras cruciais e o infausto itinerário:
—Camões morrendo à fome e Dumont de desgosto.

Cemitérios jamais deixarão de existir...
E, um após outro, os homens todos morrerão,
Confirmando a impotencia de lhe subsistir.

E ao termo da existência, é imensa a derrocada,
Desfeito tudo em cinza e em pó que um dia serão
Dispersos sem deixar nenhum vestígio... nada...

TENDÊNCIA MODERNA

A tendência moderna é taxativa
De às leis técnicas tudo sujeitar,
Da mecânica, à suma progressiva,
Nossas almas propõe galvanizar.

E, de tal forma excede-se, abusiva,
Por romper com o passado, ao mutilar
O substrato da estética e a emotiva
Da arte, do bem e do belo, à luz sem par,

Que o mito atual da industrialização
Esteriliza o próprio coração,
Aos grandes pensamentos generosos.

Com a procura imediata do prazer,
Sua visão utilitária do dever,
Desvirtualiza os sonhos mais formosos.

A ANGÚSTIA MODERNA

No cumprimento às ordens do Senhor,
Do paraíso terreal, no instante augusto,
Em que o homem, Deus fizera, insonte e justo,
Para as glórias puríssimas do amor,

Hoje mais do que nunca, empenho e ardor
Põe o homem a sujeitar-lhe, a todo o custo,
Do mundo da matéria o ser robusto,
Em ânsias de conquista e de labor.

Ao esquecer-se, porem, do essencial,
Que do Monte Sinai lhe foi proposto
Na Lei mosaica e em Cristo Divinal,

Não mais amando a Deus, seu forte apoio,
À angústia e à solidão lh'o exposto
Seu gigantismo técnico e tramoio.

NO MUNDO DO SONHO

Ao Dr. Valdemar Alves Pereira

Por toda a parte exortam-nos ao sonho,
A beleza e a arte, o amor e a perfeição,
Da flor do campo e do pomar risonho,
À silhueta da Cruz, no Altar Cristão.

Se nesta vida existe algo tristonho,
Tambem floresce um surto de emoção,
Artística e feliz, sobre quem ponho
O encanto da minha alma e coração.

Um sorriso, um olhar, um simples gesto,
Às vezes nos traduz um manifesto
De estética, de sonho e de harmonia.

São reflexos de Deus que o mundo encerra,
Nos seus perfumes que não são da terra,
Cujo esplendor transcende à luz do dia.

MINHA OPINIÃO

Direi minha opinião clara e sensata,
Àquele que pratica o mau costume
De cunhar os seus méritos em prata,
E os méritos alheios, em vil estrume.

Não vê que ao decantar-lhe a glória inata,
De ilusões quixotescas e em cardume,
Com a lampada de Aladino, a coisa exata,
Quando ele tem nas mãos um vagalume

E esquece que no estrume é que as sementes
Tornam se em belos lírios, crisantemos,
Toda a casta de flores redolentes.

É, pois, um feio orgulho, presumimos,
No outro minimizar o que não temos,
E exaltar demasiado o que possuimos.

GOSTO LITERARIO

A José Lopes Vasconcelos

Gosto de ler os grandes pensadores
Que às verdades conservam sua pureza.
E lh'as descobrem singular beleza
Que faz tambem os grandes sonhadores.

Como, aliás, sucede, aos esplendores
Do Evangelho de Cristo e à sua grandeza.
Seu simbolismo espelha a natureza,
E na alma lança os divinais fulgores.

Romance que descreve o rotineiro
Sem cuidar que lhe venha revelar
Nova expressão de belo, por primeiro,

Raramente em meu espírito tem chance.
Pois de outro modo não tolero estar
Preso ao insípido enredo de um romance.

A GLÓRIA

Que vale a glória, cujo fundamento
Tem-no sòmente às ilusões terrenas?
Após a morte só lhe fica, apenas,
Lembrança vaga sob um ceu cinzento.

Mas, se lhe infunde aquele eterno alento
Que trouxe Cristo ao mundo – unções serenas,
Com a luz da salvação, — Graças amenas
Derivarão do seu congraçamento.

E ao revestír-se de imortal fulgor,
Ao Homem Deus unido, e em cujo amor
Não se conhece o termo da existência.

Nossos atos supõem valor eterno,
No princípio de ação vital e interno
Que os valoriza, à própria transcendência.

MÚSICA INAUDITA

Sentimo-nos, por vezes, penetrar
De uma visão tão nítida, quão densa,
Da precária existência que condensa
O humano ser, à terra, ao espaço e ao mar.

E esta ideia obsedante a saturar,
No seu conteudo de tristeza imensa
Adentra-se, opressiva, na alma e intensa
Qual ferro em brasa a nos traumatizar.

Quando, inaudita música profunda,
Súbito irrompe, subterrânea, oriunda
Deste pezar recôndito das cousas,

Que nos sugere as pompas funerais
Dos sonhos e das glórias dos mortais,
Sobre a angústia do nada e o pó das lousas.

ESCATOLOGIA CRISTÃ

A natureza é bela e a vida é boa,
Mas é tão curta para o ser vivente!...
Quer seja o bruto, quer o inteligente,
A lei fatal da morte os atraiçoa.

Porem no humano coração ressoa
Grande apelo de amor, de luz crescente,
De uma felicidade, exatamente,
Que o terreno viver jamais povoa.

A quem do ceu contempla as luzes belas,
Às noites, como aos dias, pode entender
A distancia do sol sobre as estrelas.

Assim, na noite ou forma infra da vida.
Sujeita ao tempo, é que podemos ver
A eclesial escatologia vivida.

O ORGULHO HUMANO

Débil se nos revela a mente humana
Quando se prende à ciência e não vê o Autor
Da própria ciência e dos seus dias, insana,
Não mais reconhecendo o seu Criador.

Nega a Primeira Fonte de onde emana
O Cosmos com suas leis, cujo esplendor
Tudo ordena. E, afinal, sua glória empana,
Em mitos e tabús a descompor.

É assim que o orgulho humano, enfatuado
Com as iguarias que come à vossa mesa,
Das ciências no banquete ilimitado,

Ingrato, vos esquece e vos despreza,
Senhor, a proclamá-Io superado
Vosso jugo de amor e de pureza.

DISCREÇÃO

Como surgem as flores no espinheiro,
Vejo os gozos profanos deste mundo.
Não lhes toqueis às pétalas, no fundo
Há o torturante espinho costumeiro.

Com discreção prudente, por primeiro,
De casto aroma desfruteis jocundo.
Mas cuidai que vos não prendais profundo
À efêmera sedução do seu roteiro.

Não fostes para os gozos passageiros
Feitos; porém, no mundo, caminheiros
Em busca de uma vida mais perfeita.

Sois, enfim, seres de um destino eterno...
Harmonizai-vos no conflito interno
Da consciência moral, aos ceus eleita.

INTUIÇÃO DO NADA

Vezes nos colhe uma tristeza densa
Que apreendemos dispersa pelas cousas,
E de tal forma nos penetra, intensa,
Que nos inculca a solidão das lousas.

Pela intuição do nada, assim suspensa
Da precária existência, em vão repousas
Tu, aspiração do ser à vida imensa,
Não a encontrarás esparsas pelas cousas.

Profundo abatimento nos domina
Ante a mentira da ilusão da vida,
Na fantasmagoria de cada esquina.

Da indiferença universal transida,
Nassa alma, em seu torpor, vê claro a ruina
De uma ventura edênico perdida.

VISÃO DO MUNDO

O mundo atormentado destes dias
Abisma-se no triunfo do progresso
Em base eletro técnica e de acesso
À própria natureza de leis frias.

Quando os homens, nas lutas correntias,
Disputam superar, a qualquer preço,
Sem jamais atentar no real sucesso
Da vida espiritual, de almas vasias.

Dos esforços pressente-se o fracasso,
Pior que o cientificismo antigo e lasso,
Quão deletério e falso é a luz do dia.

Só há tres fatores que o humanizam, pois,
— É a Religião do Amor, logo depois,
O senso da arte e da sabedoria.

À PROVIDÊNCIA DIVINA

I

Sois Vós, meu Deus, a minha proteção,
E o amigo certo que me não despreza.
Sòmente Vós sabeis minha aflição,
Quanto o fardo da vida, enfim, me pesa.

Só Vós buscais meu pobre coração,
E conheceis-lhe a ingênita tristeza
Que o domina. E nas horas de emoção,
O terno amor que o impregna de beleza.

Sòmente Vós, Senhor, tendes perdão
Para os pecados meus, minha fraqueza,
Que os atos de meu ser refletirão.

E do meu nada, ou baixa pequeneza,
Só Vós me ergueis com doce compaixão,
E aceitais como eu sou na natureza.

II

Nunca em vão procurei no vosso amparo,
A necessária força e a resistência,
Para os rudes embates da existência,
Aos quais me sinto, às vezes, sem preparo.

Mas, (ó milagre excelso!), enfim, reparo,
Quando tudo parece em decadência
E não vejo bem claro na consciência,
Sentindo dentro da alma o desamparo,

Descem-me extranha força e extranha luz,
Na presença de Deus que me conforta,
Com os gosos pascais, após a Cruz.

E não resisto o impulso de exclamar,
Como São Pedro a Cristo, amar importa;
Por quem, senão por Vós, devo esperar?

ORAÇÃO

Reconheço, meu Deus, quanto precisa
A gente abroquelar-se neste mundo,
Contra o ataque de bárbaros oriundo
Das paixões, cuja tática é imprecisa.

E à luta, que travamos, indecisa,
Carecemos de a luz beber a fundo,
De um são discernimento mais profundo,
Que o Evangelho de Deus prodigaliza.

Dai-me a vossa paciência e amor perfeito;
Não resistindo, nunca, aos que pretendem
A túnica tirar-me por despeito.

E a estes que as minhas faltas alardeiam,
Ensinai-me a perdoar e aos que me ofendem,
E a amar por vosso amor, aos que me odeiam.

ROUBO LÍCITO

À Álvaro Coelho Maia

Olhar e ver por traz e entre as ações,
O móvel da conduta, o ser da ideia,
Agindo e reagindo entre a colmeia
De heterodóxas, múltiplas feições.

É avistar para além das digressões,
O que dispersa e afasta, o que enlameia
Os homens; como o bem que lhes norteia
Ao abraço fraternal das comunhões.

É um modo de pilhar a casa alheia,
Sem lhe fazer jamais subtração,
Por trazer nossa casa sempre cheia

Da experiência dos homens, ver profundo,
E poder formular uma noção,
Mais clara e mais perfeita, deste mundo.

DESENCANTO

A minha senda sáfara de flores,
Porém fecunda à produção de espinhos,
Já perde, pouco a pouco, as próprias cores
E agoniza a paisagem dos caminhos.

Sofro em silêncio os rudes dissabores,
Que o destino legou-me. Os descaminhos
Dos sonhos e esperanças multicores
Que a vida me enfeitavam de carinhos.

Em busca da ventura, em vão lutei,
Talento, mocidade e amor lhe dei,
Em troca de fadiga e de incerteza.

No deserto em que vivo, já não canto...
Eu sinto, a cada passo, um desencanto,
E em cada desencanto, uma tristeza.

DESILUSÃO

De espírito abatido e coração cansado,
Vou palmilhando triste a estrada escura e fria
Do insípido viver isento de alegria,
A um mundo indiferente e hostil e acorrentado.

A atróz incompreensão me faz desanimado
Os passos fraquejar na longa travessia.
Já não diviso o encanto e nem ouço a harmonia,
Com os quais nutrirá outrora um sonho deslumbrado.

Às primeiras reações sensíveis de revolta,
Sucedem-se a apatia indulgente e a lassidão
De quem jamais espera um sonho ter de volta.

E, em vez de meu destino por-me a praguejar,
Retraem-se, em contrapasso, minha alma e coração,
Sentindo uma vontade imensa de chorar.

EXORTAÇÃO

Busca encontrar em tudo, os seus motivos,
Junto à essência dos seres e das cousas,
Desde os mais puros sentimentos vivos,
À indiferença tumular das lousas.

Aprofunda os mistérios mais esquivos,
E, jamais, exgotá los, pensar ousas,
Dos preconceitos rígidos, nocivos
Isentos, à luz de Cristo. Ó, não repousas!

Como a árvore que cresce e frutifica
Em messes abundantes e felizes,
Conforme o sólo que lh'a vivifica,

O pensamento é livre de afilições,
Quanto mais fundo prendem-se as raizes
Sob o fecundo chão de convicções.

DESTINO DAS VAIDADES

Pela face do globo, sente-se, erra
O tênue pó dos túmulos sombrios,
Do nada que é seu tudo, e quanto encerra,
Soprado pelos ventos fugidios.

Na luz imponderável dos estios
A sua débil visão não nos aterra
Em que fora, de fato, o ser sem brios
Desfeito, das vaidades desta terra.

Pois não perdura coisa alguma oriunda
Da vida da matéria e da ilusão,
Ficando um vácuo, apenas abismal.

Mas, através da fé, na luz profunda,
Se nos revela pleno de aflição
A percutir o ser da alma imortal.

CONTRASTES

Há dos contrastes reais à trama urdida,
Que nem todos percebem, claramente,
Uma expressão saudável e florida
E a triste morbidez de um ser doente.

Com o sorriso e o pranto; a morte e a vida;
A esperança dinâmica e o impotente
Desespero; o ódio e o amor; treva e a vivida
Luz; o fausto e a miséria; a agnoze e o crente;

A doçura e o amargor; blasfêmia e prece;
A vingança e o perdão; mistério impar:
—Para o homem elevar, é um Deus que nasce.

Finalmente, é nos dado perceber
Que, se em criança, corremos sem pensar,
Nós, adultos pensamos sem correr.

NO OÁSIS DA FÉ

É muita vez o sólo da descrença,
Fértil terreno às flores da esperança,
Cansado do deserto, a gente pensa
E deseja o repouso à sombra mansa.

Que um pensamento afável na alma vença,
Se o bom-senso a buscar-lhe enfim se lança
Nada há de maravilha,—como a doença
Que a medida da saude no-la alcança.

O coração tem leis imprescrutáveis
Que de sua natureza são imutáveis,
Desde todos os tempos e lugares.

Como o anseio de imortal felicidade,
Normal encontra em Deus com a liberdade,
Alta e profunda como os ceus e os mares.

O SENTIDO CRISTÃO DA VIDA

A Afonso Bruno

I

Os contrastes da vida são flagrantes
Que desconcertam muita vez a gente.
São mistérios que o Deus Onipotente
Abre do mundo aos olhos hesitantes.

De diversas maneiras insinuantes
Deus aos homens provou suficiente,
De que o estado saudável e o de doente,
A riqueza e a pobreza, são variantes.

Da inteligência às grandes odisseias,
Por vezes dilaceram-se as ideias.
Como num vasto campo de batalhas.

Mas não lhe rouba o mal, seu bem divino,
Quem se arma do Sinal de Constantino,
Nas lutas das ideias ou das metralhas.

II

Um sentido profundo existe em tudo
Que nos cerca e nos fascina na criação,
Desde aquilo que agrada, e, sobretudo,
No que nos mortifica o coração.

Da aparência do mal nos vem, contudo,
O mistério da Graça e do Perdão.
Mais se nutre nossa alma pelo estudo
Da imensa economia da redenção.

É unirmo-nos a Deus, nosso destino.
Pois tudo que nos manda o Ser Divino,
Tem por fim restaurar esta unidade.

Unidade, que é paz, ventura e gozos
Que nos levam, no amor, viver ditosos
Desta vida de Deus, que é a Santidade.

SONOPLASTIA CÓSMICA

Ao Dr. José Teunas F. de Andrade

Profundas emoções felizes, castas,
De estética, de sonho e de harmonia,
Nas amplidões, desdobram-se, mais vastas,
Semeadoras de encanto e de poesia.

Ao ouvido afeito àquela melodia
Que, pondo em fuga as sensações nefastas,
Assemelha-se a esta outra sinfonia
Dos arranjos geniais dos sonoplastas.

Às novelas triviais da nossa vida,
Junta-se o cunho artístico dos sons,
Que a uma nova experiência nos convida.

E aos dulçores de suas insinuações,
Fazem-nos ver os seus aspetos bons,
Suas profundas riquezas de emoções.

HORA SUBLIME

Ao Dr. Carlyle Martins

Tarde calma de abril. Contemplo-a, agora,
Envolta em seu dulçor, vaga tristeza,
Fluidos dispersos pela natureza,
Nos ares da cidade, ao campo e à flora.

Com expressiva blandicie e sutileza,
De uma radiola, ao longe, a valsa enflora:
— Guitarra e um bandolim, flauta sonora
Que lhe põem no ar um clima de Veneza.

No mar de sanhos que alegra a terra e os ceus.
Suponho ouvir frações de uma grandeza,
Que deriva do Belo aos sonhos meus.

E a partir do parcial, busco a inteireza...'
E em sua paixão minha alma ascende a Deus,
—Da Harmonia, plenitude, e da Beleza.

O SOFRIMENTO HUMANO

A gente não precisa entrar nos hospitais,
Nos manicômios, nos abrigos da velhice,
Para vir constatar os males infernais
Que sofre o ser humano, desde a meninice.

O tísico, o aleijado, o canceroso, e mais,
O cego e o mutilado, arrastam-se na lice
Da vida a mendigar o pão, nas catedrais
No burgo e na favela, e os páreas que eu não disse.

Se o mundo é assim tão triste e a vida, passageira,
Quem poderá fugir à realidade escura,
À contingência, enfim da humanidade inteira ?

Sòmente o Deus do Amor fará transfigurar
Tanta miséria, tanta dor, tanta amargura,
Que rolam sobre a terra, em ondas, feito um mar.

IDEAL

Ao Prof. Maurício Crispim Bezerra

Viver em paz com Deus e nossa consciência,
E em perene harmonia viver com a natureza,
Sem nunca desprezar o culto da ciência,
Sem nunca preterir o culto da beleza.

Amar o nosso irmão e em terna complacência,
No coração guardar a Fé, com a sua grandeza;
Para as lutas da vida armar-se de paciência,
Saber, enfim, perdoar num gesto de nobreza.

Cumprir nosso dever perseverante e ledo,
Estremecer o lar e o lícito folguedo
Que a sociedade cria, de forma comedida.

Prezar o sonho e a música e cultivar a arte,
A bondade e a esperança levar por toda a parte,
É promover as coisas ótimas da vida.

VOCAÇÃO ONTOLÓGICA DO HOMEM

Tendemos todos para Deus, é certo.
Porquanto é nossa origem e destino.
Se nos desviamos por caminho incerto,
Foi-nos por mera culpa e desatino.

Mas, se perdidos vamos no deserto,
Jesus, Filho de Deus, se fez menino,
Para conôsco ter diálogo aberto,
A se tornar caminho do Amor Divino.

E pelo sacrifício de sua morte,
Nos restaurou Jesus, com laço forte,
Na unidade de Deus, antes perdida.

Razão porque hoje fruimos da ventura
De termos nós a Vida excelsa e pura
Da Trindade Imortal, Santa e Querida.

O SALVADOR

Ao Pe. Valdir Lopes

O Pai nos manda o Filho muito amado,
Nascido da Mulher — assim Deus faz —
Para salvar os homens do pecado,
Da negra escravidão do Satanaz.

Fiel em extremo ao paternal mandado,
Jesus não poupa a própria vida, aliás,
Deu-nos do alto da Cruz por consumado,
O holocausto do Amor que a Deus nos traz.

E ao derramar por sobre as criaturas
Bênçãos e graças generosas, belas,
Que infundem na alma celestiais doçuras,

Dos seus fulgores divinais, sonoros,
Nos entra a luz por todas as janelas,
Transpiram-nos amor todos os póros.

FLAGRANTES

Quem, acaso, haverá, que não sentiu,
Ao menos uma vez, sequer, na vida,
Ao entrar no bar, na loja, ou na avenida.
Onde há gente gran-fina e clã servil;

E onde reina a anedota, o boato, o ardil,
Os corriqueiros fatos de que é urdida
A trama da existência fementida,
Em comentários de cambiantes mil.

Um hiato brusco, após dissimulado,
Num termo que se vê desvinculado
A procurar, ansioso, encadeamento?

De semblantes contraidos, outra vez,
Um dito que se perde em polidez,
No fundo, a revelar constrangimento?

FIRMEZA DE IDEAL

Para o mundo egoista e caviloso,
Inútil se reveste o nosso esforço
Por ser honesto e bom, por ser virtuoso,
Com desviar da maldade o nosso dorso.

Mais estimula o instinto carvenoso,
Quer se revista de cartola ou torso,
Por qualquer expediente tenebroso,
Assestar-nos as armas do seu corso.

Isto vem revelar, precisamente,
Que não devemos esperar do mundo,
Sequer, um assentimento em si consciente.

Mas, caminhemos pura e simplesmente,
Com os olhos fitos no ideal fecundo
Que nos impele sempre para a frente.

OPÇÃO

Ôntem não era, hoje sou e amanhã não;
Como um ser incrustrado entre dois pólos
Do não ser; voz perdida na amplidão
De dois silêncios,—compressores rolos.

É assim a vida humana, ante a visão
De um mundo que se mostra sem consolos,
Perdida a fé de Deus, na solidão
Do ateismo, a repetir os tristes sólos.

É a doutrina do tédio e do cansaço,
Da "virola do nada" e do fracasso,
No conceito sartriano da existência.

Reputo mais humano e verdadeiro,
À razão, ao sentimento, ao ser inteiro,
O conteudo cristão, sua transcendência.

NA BÍBLIA

Este mundo de coisas ao léu,
Nos concita a pensar com vigor
Nos exemplos que à Bíblia nos deu
Nosso Pai, nosso Deus Redentor.

Entre aqueles de raro explendor,
É a mensagem de vida do ceu,
Que aos cativos promete o Senhor
Libertá-los. E envia ao povo hebreu

Seu Profeta e um Sinal. De tal sorte,
Que no campo as humanas ossadas
Se convertem no exército forte...

Deste modo o Senhor nos convida
A tomar decisões renovadas,
De lhe sermos fieis toda a vida.

O SEIXO DA ESTRADA

Este seixo que à beira da estrada,
Nós o vimos coberto de pó,
No aconchego da terra pisada,
Sempre extranho a quem passa e tão só,

É a presença soturna e marcada,
Das angústias sofridas por Jó;
É a memória dos tempos velada,
Séc'los antes do Rei Faraó.

Seu mistério é um convite calado
A um mergulho no mar do passado,
Onde dormem pesares e glória.

Seu silêncio solene nos fala
De um segredo que punge e resvala
Lá dos fundos do tempo e da História.

A VOZ DOS ROCHEDOS

Ao Dr. José Humberto Araujo

Na eterna indiferença dos rochedos
De escarpas milenares e grotadas,
Como lábios abertos, mudos, quedos,
Absortos nas distâncias obcedadas,

Eu os vejo como envoltos segredos
Solenes do passado, a acidentadas
Grandezas persas, frígias e dos medos,
Do Egito, Arábia e Síria, inapagadas.

Israel, Cartago. Assiria, Grécia e Roma,
Suas glórias e revezes,—tudo assoma
Na memória granítica. Por certo,

No seu silêncio os ouço dialogar
Com o mistério da morte e o perpassar
Das gerações, no seu destino incerto.

VISÃO CÓSMICA

Ao Dr. Francisco Fonteles Teixeira

A natureza é bela e a vida é boa,
Mas não as aprendemos ainda a amar,
Com o amor que lhes devemos consagrar,
Como obras do Senhor, não coisa atoa.

Pois todo o nosso ser um canto entoa
Deslumbrado de luz. O nosso olhar,
Ante tanta beleza a se espalhar,
Pela face do mundo, alegre voa.

Só mesmo Deus infunde esta alegria
Nas obras que criou. Quanta harmonia
Descobre, em toda a parte, a alma do crente!

Quão rica de sentido é a nossa vida,
Em qualquer circunstância introduzida,
Quando temos Jesus por confidente!

REFLEXOES

O mundo em suas angústias, seus pesares,
Não para nunca, e avança para a frente.
E os homens, arrastando os seus esgares,
Aceitá-los, lhes cumpre, finalmente.

No campo, no deserto, ou sobre os mares,
Sobre as cidades de rumor crescente,
Há eterna solidão pejando os ares,
Um vácuo imenso paira triste e algente.

Prêso a certeza lúcida da morte,
Dá nada, surge o sentimento forte
Do absurdo deste mundo, como é visto

Por Malraux e por Sartre, em vã paixão.
—Sentido e paz só encontra o coração,
Os passos a seguir de Jesus Cristo.

NA RONDA DA MISÉRIA

Ergue a poeira enfermiça da tristeza,
Dos sólos denegridos, repisados,
Pela anônima massa dos marcados
Da dor, da fome e da miséria prêsa.

Onde a degradação da natureza
Estampa-se nos rostos macerados
Daqueles pobres seres desgraçados,
Vazíos de dignidade e sem beleza.

O vento infatigável, que assobia,
Sacode e agita com melancolia,
A bandeira mortiça das misérias,

Alí arvorada como um pesadelo,
Sem amor e sem fé, num louco apelo
Que se desfaz nas amplidões etérias.

AS GLÓRIAS DO MUNDO

Falazes são as glórias deste mundo.
Por isso mesmo nunca me seduzem.
Se a amarga essência mais lhes aprofundo,
À sua descrença eterna me conduzem.

Haja visto os exemplos que introduzem.
Na voz da História. O reto aresto oriundo,
De que as mais altas frondes, mais induzem
As tempestades que lhes ferem fundo.

Malegue, assim descreve, certo dia,
Sobre o Amor de Augustim a Ana Maria,
Feito de sonho, glória, ardor e encantos

Que lhe arrebatam a alma comovida
Da suprema ventura prometida,
Tornados, como sempre, em dor e em prantos.

VISÃO POSITIVA DO MUNDO

Ao Pe. Osvaldo Chaves

Num mundo devastado às negações
Que o plano de Deus tentam mutilar,
Há um esforço vital de afirmações,
Que impossível seria sofisticar.

No profundo de tantos corações,
Se faz sentir o místico raiar
Dos carismas da fé, do amor e unções,
Numa invasão da Graça salutar.

Quando tudo parece estar perdido
Aos viajores descrentes de Emaús,
É o recôndito da alma surpreendido

Com a presença inefável de Jesus
Que eleva e salva o ser desiludido,
Traz às trevas do mundo a própria luz.

VISÃO NEGATIVA DO MUNDO

O nosso mundo afunda e se mistura
No caldeamento, asim, de ideologias
Que traem hostis, vertigens e agonias,
Ao espírito atirado à face escura.

São os próprios cogumelos da loucura
Que infestam seus caminhos de magias.
São as volúpias da carne e das orgias,
Que descreteiam, em paz, com a deusa impura.

É um conformismo increu e até contente,
Pelo cordel movido dos sentidos,
Que ameaça solapar do consciente

Os valores morais que aquí prescruto,
Na esteira do mistério transcendente
De um Deus pessoal eterno e absoluto.

A CAMINHO DA PERFEIÇÃO CRISTÃ

Ao Pe Francisco de Assis Lopes

Quanto mais avançamos pela estrada
De luz, da perfeição, mais nossa vista
Alcança, para além da caminhada,
Surpreendente visão nunca prevista.

Prossegue a nossa marcha acidentada,
Enquanto, passo a passo, se conquista
Da perfeição a estância ilimitada,
Do ponto de partida mais se dista.

É natural. Porém, no ceu sem jaça,
Mais o eter do divino se adelgaça
À aspiração das almas de humildade.

Em meio aos dois extremos que se aclaram,
Nós somos almas frágeis que se amparam,
Sustentadas por Deus na Caridade.

DESÍGNIO DE DEUS

Eu compreendo, Senhor, vosso desejo
Que vivamos humildes e piedosos,
Fieis nos sentimentos generosos
Que suscitais nas almas, como vejo.

Que jamais tenham nesta vida ensejo,
As vaidades e o orgulho mentirosos,
Mas que sejamos puros e bondosos,
E, por cujos ideais, luto e pelejo.

Vós conheceis, Senhor, meu coração.
Sabeis como ele é fraco para o bem,
Mas, tambem, como aspira a perfeição!

Se alguem me condena ou me oferece
Humilhações, desprezos, vil desdem,
Não sabe elá o que faz, nem me conhece.

REALIDADES DA VIDA

Nascer é natural, quanto o é morrer,
Tal como entram e saem os personagens
Sobre o palco da vida a encenações.

O drama da existência nos faz ver
Que, se uns recebem palmas e homenagens,
Outros, despresos, vaias e imprecações.

Da morte após entrar nos bastidores,
Todo homem se nivela ao mesmo pó,
Não distinguindo os nobres dos plebeus.

Contrastam, no que pese, as próprias cores
Aberrantes, meu Deus, nos causam dó,
Vossa obra, ao desvirtuarem, sob os ceus.

A vida material é uma aderência
Que pode tomar formas diferentes,
No organismo da própria natureza,

Sem que lhe venham alterar a essência,
A marcha dos seus fatos permanentes,
No conjunto vital de sua grandeza.

A matéria se desfaz nos mausoleus,
Mas, permanece o espírito imortal,
Superior à vida que perdemos.

Somos todos iguais perante Deus
Que nunca imputa o aspeto material,
Mas a virtude e o bem que nós fizemos.

Bandeira santa a desfraldar querida,
Da fé, da paz, do amor e da bondade,
Troféu, nos assegura, soberano.

Que além da morte nos espera a vida,
Assim cremos, porque a imortalidade
Foi por Deus prometido ao ser humano.

Pelos tempos finais, um dia virá,
Em que o nosso Pai celeste, o Salvador,
Libertará da morte e da miséria,

O nosso corpo humano e o exaltará,
Fazendo-o ressurgir à luz do Amor,
Ao redimir, no espírito, a matéria.

REFLETINDO

Ao Dr. Ambrósio A. Filho

Sopram os simuns, ruge a tempestade,
Sob o pó do deserto a humanidade
Caminha sem apêlo.
Aonde o afoito beduino da esperança,
Há de alcançar seu porto de bonança
A trote de camelo.

Mais dilata-se o campo à ciência ufana,
Por mais paradoxal, na vida humana
Estreita se o horizonte,
Não devassando para além dos fatos.
Com nitidez, a meta aos nossos atos,
A caminho da fonte.

Ao ruído estonteante do progresso
Tecnológico, audaz no seu processo,
Atônitos, frequente,
Os homens interrogam-me, inquietos:
Aonde os vínculos éticos, concretos,
Vitais à alma da gente?

Na cerração dos tempos atuais,
Banidos os processos ancestrais.
Respiram-se outros ares.
Profunda cresce a angústia insopitável,
Ao lado do conforto incontestável,
Com as armas nucleares.

Os meios sociais, frequentemente,
Comportam-se de modo, exatamente,
Nos tempos hodiernos,
Que importa, nos seus "slogans" materiais,
Em negação dos bens espirituais,
Dos valores eternos.

Povos que ropem tradições serenas,
Diógenes, um varão, buscou em Atenas,
Eles buscam caminhos,
Porem, mais os procuram, mais se enredam...
Sobre as ruinas dos mitos que depredam,
Outros fazem seus ninhos,

Se a verdade resplende em toda a parte,
Os erros que lhe ensombram, são, destarte,
O lado negativo
Da persistente e humana atividade,
Que traz, por vez, a morte à humanidade,
Outra, o pão nutritivo.

Exaltai, Senhor Deus, vossa doutrina,
Do Espírito, com a força que domina,
No amor que nos redime.
Dos erros depurando os pensamentos,
Libertai-nos do caos e dos tormentos,
Da mentira e do crime.

Que encontremos, meu Deus, o bom caminho,
Da verdade o roteiro e do carinho,
Em meio as tribulações,
Sem desviar-nos, jamais, do amor divino
Que a cerne constitue, como o destino,
A humanas promoções.

Com o seu novo fervor iconoclasta,
A nova geração impetuosa arrasta.
A imolar, o passado,
Em holocausto às aras do futuro,
Cujo perfil desenha-se inseguro,
Nebuloso e velado.

Sob o protesto de fazer vencidos
Velhos padrões arcaicos, carcomidos,
Usam da violência.
Justifiquem-na, embora, em certo ponto.
Mas, no Reino de Cristo não há Helesponto,
Porem, amor, vivência.

Milhões de humanos seres há, famintos
Sobre a face do globo, nos recintos
Do campo e da cidade.
Promovei, da ignorância, o nosso povo,
E entrozai-o num padrão de vida novo:
— Trabalho de honestidade.

É caminho seguro à redenção,
Para toda e qualquer instituição,
Política ou social,
Associar o direito aos seus deveres,
Sentir-se responsável nos misteres,
Qualquer profissional.

Que a classe patronal, num gesto humano
De cristianismo puro e soberano,
De justiça e nobreza.
Seus operários, faça-os partilhar
Nos lucros que ajudaram conquistar,
Ao serviço da empresa.

E teremos chegado a um belo estágio
De justiça social, num são presságio
De paz e compreenção.
Fazendo assim recuar os seus coveiros
Por atos positivos, verdadeiros,
Em corajosa ação.

Por acaso fortuito, ou intervenção
Do divino poder da evolução
Do processo da História,
Vê ao colosso romano corrompido,
Triunfar o cristianismo perseguido,
— Monumental vitória,

Foi o triunfo do amor sobre a injustiça
Que o egoismo pagão no mundo atiça,
Sob formas diversas,
Em qualquer latitude, em qualquer clima,
Traz os mesmos bastões a que se arrima,
— Covardes e perversas.

De Deus o povo em marcha para o ceu
À semelhança do êxodo de Israel,
Em sua áspera jornada,
Tenha a coluna mística e radiosa
Que lhe proteja e guie à Canaan ditosa,
De Cristo, à Igreja amada.

E assim desfrute a Pátria Brasileira,
Na paz e segurança verdadeira,
Os frutos do progresso.
Da justiça e do amor, nos sãos roteiros
Da técnica e cultura entre os primeiros
Tenha o Brasil acesso,

Cenários e Perfis

SENHOR! PORQUE VIESTES?

Ao Pe. Valderi Rocha

Porque viestes, Senhor, dos ceus à terra?
Vosso Reino de Paz, Glória e esplendor
Deixando-o, pelo exílio de amargor,
De dor e de tristeza, de ódio e guerra?

O que viestes aquí buscar, Senhor?
Esta coroa de espinhos, que me aterra?
Esta crueza feroz que o mundo encerra,
Dos açoites à Cruz? Ó, quanto horror!...

Dizei-me, Senhor Deus! Estou aturdido!
Ante tanta ignominia, ó, bom Jesus,
De angústia tenho o coração transido!

Com os pés e as mãos cravados numa Cruz,
Respondeu-me Jesus, o olhar dorido,
— Vim trazer-te o perdão, a vida e a luz.

À GEMA GALGANI

Por ocasião da sua 1a. Comunhão realizada a 25/12/67.

Foi esta a primeira vez que recebeste
Jesus — o Salvador — na Eucaristia.
E o teu grato coração sorrindo deste
Por eterna morada a Deus que o guia.

Conserva-o sempre pura ao teu celeste
Esposo virginal, cuja alegria,
É fazer-te, feliz, onde nasceste,
E dar-te, já velhinha, os ceus, um dia.

Alegram-se os teus pais e o teu maninho,
E o nosso lar transborda de carinho,
De luz, amor e paz celestial.

Pois tens no coração puro e inocente,
As graças que nos trouxe de presente,
O Menino Jesus no seu Natal.

CARLYLE MARTINS

Cantor sublime das belezas puras
Que a natureza ostenta carinhosa,
Para deleite da alma generosa,
Que assim geninal se libra nas alturas.

Transformam-se e florescem as criaturas,
Ao soar da vossa lira magestosa,
O perfume a espalhar de cravo e rosa,
Plenificando um mundo de ternuras.

Nobre vate imortal, alma sonora
De esteta; com arminho, assim, macia;
Clara e suave como a luz da aurora.

Revelais o segredo augusto e belo
Da bondade, do amor e da harmonia,
Que os seres velam, vossa glória e anelo.

MODUS VIVENDI

À Gerardo Chagas

Levar a marca de um viver discreto,
Os passos meus em paz assinalando.
Dos meus deveres múltiplos cuidando
Fazer o bem que possa, em meu trajeto.

Cultuar um grande sonho predileto,
À vil maledicência me esquivando.
As ideias a bolar, de vez em quando,
A escrevinhar em prosa, ou algum soneto.

Manter uma atitade repousante
No trabalho e no bem retemperante,
Sem transigir com os males depressivos,

Fugir, me cumpre, à rude tempestade,
Nunca me expondo sem necessidade,
Ao caos dos seus efeitos negativos.

GLADYZINHA

Uma florzinha que brotou e cresceu
No jardim do meu lar, cujo perfume
Embalsamou-lhe os ares. Sob um veu,
O sorriso de Deus seu lábio assume.

É Gladyzinha o lindo nome seu,
Cujo afeto infantil, vem sendo lume
Ao comovido amor que junto ao meu
Sensível coração de pai resume.

Da sua almazinha ingênua de criança,
Mais suave e mais pura que a esperança,
Fulgura, em seus olhinhos, a inocência.

Chama-me, com ternura, papaizinho...
E eu rogo ao Pai do ceu que o seu caminho,
De bênçãos mil rebente em florescência.

NOSSA FILHINHA

À Minha Esposa, com carinho e afeto.

Da gosto a gente vê-la, todo dia,
Travêssa e alegre no rosal da infância,
A perfumar de angelical fragrância
A nossa pobre vida sem poesia.

Atraem-nos seus sorrisos e a harmonia
Da sua vozinha tagarela, a instância
Com que nos pede, sem medir distância,
Uma estrelinha que no ceu surgia.

Quando de casa vou chegando perto,
Ela, encontrar-me vem, bracinho aberto
Diz: papaizinho, toma a Gladyzinha!

E logo ponho-a nos meus braços (vida!)
Com os seus olhinhos súplices convida:
— Vamos, papai, passear, com a mamãezinha!?

MINHA VIDA

Fora, a princípio, a vida para mim,
Doce sonho de amor, paz e bonança;
Minha alma tinha plena de esperança,
Larga e florida estrada de cetim.

Meu coração a vibrar piedoso, enfim,
Depunha em todos grande confiança,
Não guardava rancor desde criança,
E tinha-me feliz por ser assim.

No entanto, ao decorrer de minha vida,
Taças de fel lançaram-me no peito,
Com tal furor e em forma repetida,

Que ao andar agora atalho rude e estreito,
Minha alma se retrai desiludida,
E em prantos tenho o coração desfeito.

EXCÊNTRICO

Ó gente amiga que me ouvis cantando
Indiferente à solidão constante
Que cerca a minha lira dissonante,
Ao desferir seu canto agreste ou brando.

Certo não compreendeis meu gesto. quando
Em torno gira um mundo delirante
Na vertigem do século triunfante,
Do átomo e dos espaços, formidando.

Se à face obscura e fria da realidade
Ponho-me atento em busca da bondade,
Por traz do prisma alegre do meu sonho,

De repente, entre os cardos torturantes,
De agressivos caminhos, confortantes
Repontam flores sobre um chão medonho.

SINTONIZANDO

Ao Prof. José Sebastião Silva

I

Quando reflito, pondo os pensamentos
No complexo perfil da humanidade,
Os sinais da injustiça e da maldade
Se lhe estampam nos próprios elementos.

Ou quando lhe pressinto os sofrimentos
Que derivam da dor, da insanidade,
Da própria incompreenção da iniquidade,
Emergem vultos, tristes, macilentos,

Aquele, de desgosto e abatimento,
Por vezes, de desespero e de tormento,
Estupefato e mudo. E, este, afinal,

Que se exaspera, que blasfema e chora.
E a gente sente o coração nesta hora
Sintonizar-se à angústia universal,

II

Mas se nos mostra o lado positivo
Da existência dos homens sobre a terra.
Ao analizar-lhe o sentimento vivo
Que dos humanos atos se discerra,

Da caridade o vulto persuasivo
Passa, e as bênçãos do amor atento encerra,
Sobre os males do mundo, compreensivo,
Seu coração jamais aos outros cerra.

Quanta ternura e simpatia rescendem
Dos gestos expontâneos, delicados,
Que os homens entre si, por vez se estendem.

O coração conforta-me, profundo,
Ao ver de Cristo os gestos espalhados
Por entre o caos e os ódios deste mundo.

A SONHAR

Ao Dr. João Ribeiro Ramos

Nos sonhos de ternura e de carinhos,
Minha alma imerge em ledas euforias.
Estão dispersos pelos meus caminhos,
Como em suave tropel, as harmonias.

Liberto tenho o coração de espinhos,
Sereno e claro como a luz dos dias;
Visões aladas, fúlgidos arminhos,
Árias celestes, doces sinfonias.

São substâncias do belo, os pensamentos,
Que me deleitam, meigos sentimentos,
Carícias leves, brandas, perfumadas.

Transmudam-me a tristeza em harmonia;
Sobre a essência da dor põem a alegria,
—Suas efusões de amor ilimitadas.

VEM COMIGO!

A José Airton Carvalho

Amigo sonhador, comigo vem!
Por instantes esquece a lida insana.
Vem fruir, da natureza, o excelso bem;
Sê fiel a inspiração que dela emana.

Verás contente como a dor humana.
Do ser se evola e perde-se no além.
E ao vires penetrar sua luz arcana,
Feliz te sentirás, como ninguem.

Entre visões aladas, sutis e aéreas,
Diafaneidade azul de um ceu de opala,
Frescor de orvalhos, matutino odor;

Carícias meigas, surdinando etérias
E suaves melodias; tudo nos fala
De um sonho lindo de ternura e amor.

NOITE DE LUAR

Miríflica paisagem lactescente
De uma noite de luar do meu sertão,
Faz sonhar a natureza, complacente,
Com as canções de Catulo e o seu violão.

Do galo estala o canto adormecente,
De acalanto ao silêncio e à solidão,
Derramados ao luar opalescente,
Numa triste e sonâmbula canção.

Sob o nívio estendal do luar flutua
Esta tristeza doce que a saudade.
Em ternuras, dilue, no espaço etério.

Distante, além, soluça a mãe-da-lua,
Gargalha o mocho sobre a soledade
Da noite, a encher de encanto e de mistério.

DESTINO DOS SONHOS

O ardor, não nos quebrantam, de escrever
Em versos, nossa ideia, nossa emoção,
O silêncio e a ironia, enquanto houver
O sublime calor da inspiração.

Por mais paradoxal que parecer
Possa, aos olhos do mundo sem unção,
Encontra o coração seu próprio ser
Imerso ao clima hostil da incompreensão.

Mistério divinal nossa alma oculta
No Calvário do artista. O Amor indulta
Da pena dissolvente, o sonho morto.

E, num milagre de ressurreição,
Dá vida ao sonho, em cuja face estão,
Sinais dos prantos derramados no horto.

A LOUCA

Chega à cidade, não se sabe de onde,
Um vulto de mulher esfarrapada,
Semblante triste e face macerada,
Melenas soltas que a ninguem responde.

Um terrível segredo, diz-se, esconde
Naquela ruina humana, ali estampada,
Fôra outrora, feliz desventurada,
Hoje o uso da razão perdera, donde,

Monologando em termos desconexos,
De olhos inexpressivos, biconvexos,
Na sua vitrea paixão sonambulesca,

Percorre, noite e dia, as ruas e praças,
Ao apupo irreverente dos carraças,
Dos vagabundo à legião grotesca.

O NOVO FARISEU

Entre as humildes coisas corriqueiras,
Porém, de grave aspeto, quão profundo,
Que mais se nos deparam neste mundo,
Onde a gente pratica tanta asneiras,

É ver surgir as cenas costumeiras
Do novo fariseu, marcando a fundo
Toda a vida social, num gesto oriundo
Do orgulho às consequências derradeiras.

No setor do bom-senso ou da moral,
Sem conhecer as curvas do caminho,
Há quem se arrogue juiz universal,

Com superior sorriso e com sobrolho,
Mostrando o argueiro no olho do vizinho,
Nunca enxergando a trave do seu olho.

SONETO DO PATRONO

Aos humanistas do Ginásio Imaculada Conceição de Bela Cruz—Turma 1969.

Meus jovens! Parabens! Justo é vos alegreis,
Dando graças a Deus por este dia de glória...
Concluistes o Ginásio, e em vossa trajetória,
Um triunfo faz prever mais fúlgidos laureis.

Ela! O ciclo colegial vos chama. Se o atendeis,
Mais forte avançareis na rota da vitória.
Na roda do porvir, e, no limiar da História,
Da área universitária os louros cingireis.

Dos jardins de Academe, à Salerno ou à Belonha,
Persiste sem rotura, enquanto a meta ponha
No cerne da cultura e ciências incontestes.

Qualquer, porem, que seja o rumo que sigais,
Na autêntica jornada dos grandes ideais,
Amai sempre esta Escola e a terra em que nascestes.

À JOVEM GUARDA

Jovens sedentos de beleza e de arte,
Das liberdades justas e sem peia,
Vossos nobres ideiais, por toda parte
Encontrarão aplausos a mão-cheia.

Porém, sem base no passado e encarte,
Não vos acode à mente que falseia,
Para o risco de que venhais, destarte,
Construir vosso edifício sobre areia ?

Preservar os valores do humanismo
Cristão, vejo um dever quase sagrado,
E um ato verdadeiro de civismo,

Salvar o patrimônio a nós legado,
Do bloqueio modernista, ao cataclismo,
Que visa demolir todo o passado.

O PASSADO

Saudade—emoção de algum passado.
Um gesto, um som removem-lhe a poeira
Que o tempo acumulara em densa esteira,
Com a penumbra do olvido, assim velado.

Se redescubro o seu contorno amado,
Da vida a cor exprime a face inteira
Que em múmia a suspeitara prisioneira
De um morto e grande sonho malogrado.

Saudade é a sensação de revivê-lo.
Quão menos tem acesso ao meu desejo.
Mais sinto o coração reconheçê lo,

Remoçado, porém, de olhar piedoso,
Com a vida a lhe negar lugar e ensejo,
Retorna ao pó, mais triste e mais choroso.

O PASSADO

Saudade—emoção de algum passado.
Um gesto, um som removem-lhe a poeira
Que o tempo acumulara em densa esteira,
Com a penumbra do olvido, assim velado.

Se redescubro o seu contorno amado,
Da vida a cor exprime a face inteira
Que em múmia a suspeitara prisioneira
De um morto e grande sonho malogrado.

Saudade é a sensação de revivê-lo.
Quão menos tem acesso ao meu desejo.
Mais sinto o coração reconheçê-lo,

Remoçado, porém, de olhar piedoso,
Com a vida a lhe negar lugar e ensejo,
Retorna ao pó, mais triste e mais choroso.

FALSA APARÊNCIA

Sob a nobreza, às vezes, de uma face.
Tranquila e calma, ruge a tempestade.
Quem lh'a vê não presume a realidade
De um sorriso discreto em tom fugace,

Como, não raro, lhe persiste o enlace,
Sob um semblante duro, na verdade,
Da mais profunda e doce alacridade
Que enfeita o coração na paz que nasce.

Faz-se amigo do peito, outro, e disfarça
Suas intenções perversas, numa farsa
Covarde e vil, funesta e repelente.

Falso terreno pisam as consciências
Que se deixam levar por aparências
Que enganam, quasi sempre, a muita gente.

CENÁRIO DE UM PALCO

(*Patronato de Bela Cruz*)

Visão de um lago; várzeas coloridas,
Varadas de uma estrada ocre e sinuosa.
Belos coqueiros e árvores floridas;
Ao fundo azula a cordilheira ondosa.

Chão verde e densas nuvens cor de rosa.
— Paisagem linda de emoções vividas,
Do palco foi cenário, à luz radiosa
Do Dia das Mães, a encenações queridas.

Delicadeza estética e harmonia,
Emanações do sonho e da poesia,
Ressumbram do conjunto na estrutura.

Lembra, afinal, uma hábil mãe de artista,
Que em surto magistral nos trouxe à vista,
Mais uma obra de autêntica pintura.

NOITADA ARTÍSTICA

Na multidão ali postada em frente
Ao palco—espectativa emocional—
Aguarda-se o momento, exatamente,
Da encenação de um lindo festival.

Nele a arte predomina—esforço ingente,
Por libertar-nos do cansaço irreal
Que nos produz assaz, frequentemente,
A monotonia de um viver trivial.

E o prosaico a vencer, do cotidiano,
Dispõe, recursos tais. o ser humano,
Sua faculdade estética e criadora,

Que existe, a gente vê, percebe e sente,
Em tudo, algo de belo e comovente,
E que é o "leit-motiv" da alma sonhadora.

SEN. PAULO SARASATE

À D. Albaniza Sarasate

Exemplo de honradez e honestidade
Legastes, grande e nobre Sarasate,
Alma de escol e excepcional quilate,
Detentor da cultura e da bondade.

O amigo fostes sempre, é bem verdade,
Do pobre e injustiçado, em são combate.
Honra vos seja e em glória se dilate
Nosso preito de amor e de saudade.

Ceifado pela morte, embora, viva
Tereis vossa memória sempre ativa
Na eterna gratidão do nosso peito.

Valeu a pena ser bom, ter feito o bem..
Junto às bênçãos da História, hoje, tambem
Fruis o prêmio de Deus na Glória eleito.

VISÃO DA CIDADE

Ao Dr. Francisco José R. Gomes

Da sob um ceu brilhante de cobalto,
Estende-se a urbe inquieta e lh'a povoam
Sons de conjuntos, vezes de contralto,
Que se infiltram nas ruas, onde se escoam.

Pedaços de papeis aflitos voam
À passagem dos carros, sobre o asfalto.
Os apitos das fábricas ressoam
Como gritos de angústia e sobresalto.

É a cidade que inteira borborinha...
Automóveis fonfon am. Na pracinha,
É a vez de um Camelot que sobressai.

Cruzam-lhe, no alto, em circulações,
Jatos sonoros, grandes aviões;
Em baixo, é a multidão que vem e vai.

NO EXÍLIO

Como se fora pouco a real desdita
De ser expulsos do paraizo amado,
No exílio a que nos trouxe o vil pecado,
Buscamos raro a salvação bendita.

O que nos torna a terra assim maldita,
São os homens que se odeiam em gesto inflado,
O conflito a espalhar, constante e armado,
Que a humanidade inteira infelicita.

Dir-se-ia que o ser humano enloqueceu,
Não mais ouvindo a voz do Filho amado
De Deus que nos trouxera a Salvação.

E desprezando o amor e a paz do ceu,
Nega a sua condição de resgatado,
Rejeita o dom de Deus no coração.

A CRUZ DO BRASILEIRO

Existe tosca e humilde Cruz plantada
Por mãos piedosas, no ermo do vargedo,
Onde os ventos murmuram o seu segredo,
E alegre vem cantar a passarada.

Dizem que outrora fora alí encontrada
Visão macabra de pavor e medo,
Vítima da seca, de flagício tredo,
De um pobre retirante morto a ossada.

Alí prostrado pela sede e a fome,
Dos famintos abutres foi repasto.
Alguem lhe pôs de Brasileiro o nome.

E, caridoso, no beiral da estrada
Sepultou-o, erguendo no local nefasto,
Aquela Cruz singela ainda hoje alçada.

À VIRGEM

Como o pobre que estende as mãos sangrentas,
Marcadas pelos seixos das sinuosas
Estradas do deserto e pedregosas,
Em que rolara ao sopro das tormentas.

E em atitudes suplices, nervosas,
Nas passagens monótonas, cinzentas,
A esmolar o pão e a veste às opulentas
E às abastadas classes poderosas.

Assim, ó Virgem da Natividade,
Vê, minhas mãos te estendo, humilde e crente,
A implorar-te de Deus a santidade,

Para poder viver integralmente,
Sem as cadeias do mal, da iniquidade,
A perfeição do ser inteligente,

EM BUSCA DE UM IDEAL

Ao Pe. Édson Magalhães

Gasto noites e dias num sonho inatingível
Aberto para a Ciência e às formas de beleza,
Aonde a estética aflora em toques de pureza
E alcança transcender o mundo do sensível.

E aonde a plástica exprime a real delicadeza.
As suaves harmonias e o encanto indefinível
Que exsurgem da matéria ao plano invisível,
Em sequências de luz, de amor e de grandeza,

E ao enfoque deste enlevo o coração da gente
Se engaje na espiral de ilimitado amor,
Num surto vigoroso do espírito e da mente.

De forma que a cultura da arte e da beleza,
Deriva-se expontânea ao encontro do Senhor
Que salva e transfigura o homem e a natureza.

TRINTA DE NOVEMBRO (*)

Dia trinta de novembro festival,
Era mil novecentos, quarenta e um,
Na ornamentada e velha Catedral
Da querida Diocese de Sobral,
Há um solene ritual – festa incomum.

Insígnias, revestindo, episcopais,
O saudoso Dom José Tupinambá
Confere a cinco jovens, por sinais,
As místicas funções sacerdotais,
No bem da Igreja que presente está.

A este grupo de ardentes paladinos
Da causa de Jesus—néos-sacerdotes,
Integrava-o — desígnios bem divinos—
Este que havia de guiar nossos destinos
Na senda da verdade e de outros dotes.

Já por certo advinhastes quem seria !
Porque sòmente o tolo, o parvo e o néscio,
Incontinente não perceberia
Na entrelinha dos versos, com alegria,
O nosso bemfeitor – o Pe Odécio.

(*) *Poesia declamada por uma aluna do Ginásio, a 30/11/1970, em sessão solene.*

Hoje, vinte e nove anos nos separam
Daquele grande dia. A nós mais perto
Agora se afigura. Eis derivaram
Obras imperecíveis que afirmaram
O seu sentido benfasejo e certo.

Ordenado Sacerdote, apenas, veio
Trazer-nos a Mensagem de Jesus.
Como nosso Pastor, torna-se o esteio
Da cultura e progresso em nosso meio,
A fazer o que faz por Bela Cruz.

Vejamos como cuida
Do rebanho do Senhor,
Jamais arrefecendo
Seu zelo de Pastor.

Quer na missa diária,
Quer na confissão,
Na homilia de domingo,
Na Santa Comunhão.

Presidindo retiros,
Fundando Associações,
O amor lhe multiplica
Trabalhos e gestões.

Confere os Sacramentos:
Batismo e Matrimônio;
Assiste os moribundos,
Exorcisa o demônio.
Dos ensinos profundos
Vai desparzindo a luz,
No campo e na cidade
A todos nos conduz
À posse da Verdade;
Aos tesouros oriundos
Das graças de Jesus.

E no sagrado afan
De promover, ativo,
Na séde e no interland,
O culto de Deus vivo,
Ergueu nossa Matriz,
E, imponentes e belas,
Em toda a sua Paróquia,
As flores das Capelas.
Matriz e São Gonçalo,
Correguinho, São José,
Riacho, Belo Horizonte
E araticuns. Da fé,
Fundando, em toda a parte
Os núcleos evangélicos,
Junto à escola primária,
Os Centros Catequéticos.

Difícil se nos torna
Narrar as suas ações,
Seus feitos imortais,
Suas vastas dimensões.

Amando com carinho
O seu feliz rebanho,
Não poupa sacrifícios,
No quanto e no tamanho.

Assim com a perfeição de ordem espiritual,
O culto fomentou da vida intelectual.
Fundou, antes, o Instituto, depois o Patronato,
De sua obra social o masculo retrato.
O Ginásio e a nossa Escola Normal Rural
A nossa maior conquista na área cultural,
Formando para a vida os jovens do amanhã,
Suas potencialidades humanas e cristãs.
Por tudo, Pe. Odécio, a nossa gratidão
E a nossa prece ardente ao Rei da Salvação
Que vos conserve e guarde ilezo das ciladas
Que nos arma o inimigo, às claras e às caladas.
Porquanto à voz do abismo, ao canto da sereia,
No mundo a apostasia avança e se alastreia.

Cumulai-o, Senhor Deus, das graças protetoras,
Consolidando-o na alma as forças redentoras
Das virtudes da fé, do amor e da esperança,
Até alcançar um dia o porto da bonança.
E possa confirmar, na fé, os que lhe destes,
Na conquista a amparar dos vossos bens celestes.
Propício, Senhor Deus, lançai vossos olhares
Sobre as suas intenções vitais, particulares.

Finalmente, com emoção
E vibrantes de alegria,
Nós vos damos parabens
Padre Odécio, neste dia.
Do Colégio à saudação
Paróquia inteira se alia.

Salve! trinta de novembro,
Data querida e gentil.
Seja-nos por muitos anos
Cheia de venturas mil,
Para a Glória de Bela Cruz,
Para honra do Brasil.

AOS NORMALISTAS (*)

Normalistas de todo o Brasil,
Normalistas do meu Ceará,
Desta gleba que é nossa, entre mil,
Normalistas daqui, quer de lá,

Nobre é vossa missão benfaseja
De instruir e educar para a vida,
A empenhar-se nesta árdua peleja
De elevar nossa Pátria querida.

Imprimir no caráter dos moços,
Dimensões de virtude e cultura,
Vale mais que as estátuas e esboços
Dos mais hábeis cinzeis—arte pura.

Como uma lâmpada acesa
Consome-se noite e dia,
No Altar de Deus e da Pátria,
Com amor e santa alegria.
Abnegação e desprendimento,
Com ternura de sentimento,
Á vocação predileta,
A indicar os bons caminhos
Entre as pedras e os espinhos,
À juventude inquieta.

(*) *Poesia declamada, em uma reunião as diplomandas de 1969*

Ser normalista, é ser mestre,
Mestre autêntico é saber
Despertar na mocidade
Sentimentos do dever;
Formar jovens responsáveis,
Patriotas e cristãos
De virtudes admiráveis,
Exemplares cidadãos.
É semear-lhes na mente,
Nos corações juvenis,
A mais doirada semente
Dos sentimentos virís.
Abrindo ao moço estudante,
Esta visão deslumbrante
Do nosso mundo atual,
No seu surto tecnológico,
Ao corrículo pedagógico,
Relativo e Universal.
É apontar nossos problemas,
Encarar nos seus dilemas,
De modo objetivo e real,
Político-sócio-econômico,
Nosso progresso eletrônico
Na área continental.
É o pão, dar-lhes, nutritivo,
Da Ciência e da Verdade.
É o espírito criativo
Despertar na mocidade.

É motivar, quando se expande,
O senso da liberdade.
É ensinar a humildade
Para que possa ser grande.

Conscientizar as novas gerações
Que partem para as lutas do porvir,
Das responsabilidades que hão de vir
Sobre os seus ombros, sobre os corações.

Tarefa sobreumana e até divina,
É amoldar corações incipientes,
As almas preparar de adolescentes,
Para as grandes jornadas peregrinas.

Descobrir o veio de ouro
De uma vocação latente,
É encontrar o maior tesouro
No sub-sólo da gente.

Esculpir nos corações
O amor da Verdade e o zelo
Da Pátria e as sãs emoções
Do culto da Arte e do Belo,
São nobres identidades
Do mister de educador,
Como inculcar ciência e amor,
Fundir personalidades,

NO RIO ACARAÚ

A Manelito Silveira

I

Oiticicais umbrosas e ingazeiras,
Os mofunbais de ramos enlaçados,
Os paus-de-rio de galhos enrugados,
Esguias e farfalhosas carnaubeiras.

A crescer, sobre um chão de ervas rasteiras,
Seguem-se, ao longo, às curvas ordenadas,
Os muros vegetais, que, matizados,
Descortinam paisagens brasileiras.

São as margens do Acaraú, Rio tornado
Perene no seu leito de águas claras,
Com o seu famoso vazantal plantado,

Por força da hidrelétrica de Araras.
E assim nos é constante refrescado
Pelas brisas sonoras e preclaras.

II

Modestos barracões dos vazanteiros,
Aquí, alí e além pontilham nos areais
Emersos das enchentes fluviais,
Onde verdejam múltiplos canteiros.

A passarada em trechos musicais,
Alegre canta e voeja, os dias inteiros,
Da copa dos ingás à dos juazeiros,
Pondo em relevo encantos naturais.

Vêem-se-lhe gente, assim, todos os dias,
A banhar-se nas águas correntias,
Borrifos de cristais a espanejar.

E, à paz silente, em noites tropicais,
Sobem dos ranchos sons sentimentais,
Nostálgicas canções à luz do luar,

MATINAL

Ao Dr. José Mozart Araujo

Com o telúrico cheiro matutino
Em seu frescor de orvalho; o sol nascente;
O etério azul e róseo, mansamente,
A enfaixar um lindo dia ainda menino.

É um raso lençol d'água cristalino
Que se abre a um ceu de ofir, tranquilamente;
Paira uns tons de neblina evanescente
No campo que se estende jasperino.

Ao suave e acariciante vento sul,
A cada afago tremem flores, ramos,
E a terra acorda em paz de um sonho azul.

Se abrirmos nossas almas, com humildade,
A estas cousas de Deus, as proclamamos:
—Tudo é ternura e amor, tudo é bondade.

SIMPATIA CÓSMICA

Ao Dr. Valdemar Barroso de S. Cordeiro

Eu guardo simpatia, visivelmente,
Por estes sonhos de arte e de nobreza,
No que sinto o idealismo transcendente
Das sensações de lírica grandeza.

Onde quer que descubram, simplesmente,
Uma parcela de amor e de beleza,
Os meus olhares pousam, de repente,
Em ternuras e efusões com a natureza.

Amo, em sua singeleza, as coisas belas,
— A flor e o misticismo das capelas,
A paisagem, ceu azul, o aroma e as brisas.

Amo o rosto enrugado do velhinho,
E a jovem face pura, com carinho,
Pois da mesma grandeza são divisas.

CIDADE DE ACARAÚ

Aos meus amigos de Acaraú

Minha linda Acaraú, por quem promovo
Estes humildes versos sem beleza,
Em ti trabalha e vive um grande povo,
Na pista do progresso e da grandeza.

Meu amor e admiração por tí renovo,
Berço de ilustres filhos. A natureza
Imprimiu-te um sorriso sempre novo,
—Visão mediterrânea de Veneza.

Teu lagamar azul, tuas belas praias,
Teus verdes coqueirais e as ondas gaias
Dos decantados mares de Alencar...

Tens um conjunto de belezas raras
Que inspira sonhos e emoções mui caras,
E ensina a gente a ser poeta e a amar.

O CRISTÃO

Ao Pe. Francisco Sadoc Araujo

Arcar da vida as condições ingratas,
E renunciar-lhe os gozos que fenecem,
Aos olhares do mundo se parecem
As nossas atitudes, insensatas.

Entanto, nossas lutas recrudescem
Com as potências do mal—hostís piratas,—
Que nos tentam tirar às mãos, intatas,
As Graças de Jesus que as fortalecem.

Se assumimos os riscos da aventura,
Num mundo de tristeza e de miséria,
A sobraçar da Cruz a sã loucura,

É que a fé do Invisível nos sustenta.
E uma vez interior profunda e séria,
Nos instrue, nos aclara e nos alenta.

TRISTEZAS

Réstea do sol que projetais serena,
Na parede do quarto solitário
Da minha biblioteca em tarde plena,
Lenta a mover-se em trêmulo fadário.

Gravais, à minha vista, aquela cena
Que Julien Green descreve, no estuário
De uma tristeza imensa, que lhe acena,
Do mundo inteiro o vasto intinerário.

Penetrou-me a sua essência dolorosa,
Com igual intensidade luminosa
De invencível e real melancolia.

Mas em face a esta vida desolada,
Fala-me dentro da alma saturada,
Alguem que me dá paz e me alivia.

A TÍ, MEU IRMÃO

Aos Seminaristas de Sobral

Se tens coração desamparado
Às rudes contingências desta vida;
Se um ceu de chumbo sobre tí, fechado,
Nega o reflexo de sua luz querida;

Se nos murais de Sartre, acorrentado,
Sentes o horror do absurdo e a voz perdida
Do homem só, sem destino e aguilhoado
A um desespero infindo e sem medida;

Para, e medita um pouco. O olhar afunda
No abismo do teu ser, na mais profunda
E oculta cidadela do interior.

Verás a luz de Deus, tranquila e calma,
Que irrompe a iluminar o seio da alma,
Salvando-a para a vida e para o amor.

A VOZ DA POESIA

A José Fabião Filho

Sempre ouví, desde pequeno,
Uma voz que me dizia:
Ama o que é belo e sereno,
E terás paz e alegria.

Atendendo aquele aceno
Que me vinha todo o dia
Do fundo da alma, entre ameno
Clima de sonho e harmonia,

Esforcei-me, reconheço,
Embora tenha o fracasso
Marcado desde o começo,

Ainda escuto a voz macia,
Falar-me na alma e no espaço,
Da ingênua e casta poesia.

SONETO

Quando a doce adolescência
E a mocidade formosa
Te sorriam, alegremente,
Eras leviana e orgulhosa.

Sem usar condescendência,
A ação do tempo ruinosa,
Robou-te a bela aparência,
Tornando-a triste e rugosa,

Aqueles que desprezavas,
Sentem quanto te enganavas,
Quando, pretença, te crias

De uma raça superior,
Que desdenhava do amor,
E, escarnecendo-os te rias.

BOM HUMOR

A Francisco Felipe Rocha

Certo amigo visitava
Seu antigo companheiro.
E ao bate papo lembrava
Os bons tempos de solteiro.

Decorrendo assim feliz
O agradável passatempo,
A princípio, não atentava
Nos maus prenúncios do tempo.

Do interior da residência
Vinha insólito rumor..
—É a mulher do companheiro
A esbravejar com furor.

Em meio às vozes confusas
Que repercutem lá fóra,
Já se pode perceber
A gravidade sonora.

Olha o amigo. Vê-lo calmo,
Tranquilidade no rosto.
Não revelando, sequer,
Constrangimento ou desgosto.

Prossegue e anima a palestra,
Posto menos expansivo.
Não perde a vivacidade,
Seu equilíbrio esportivo.

Até, que em dado momento,
A mulher—gesto atrevido—
Da porta lança água suja
Na cabeça do marido.

Ao passar, porém, o impacto,
Recompõe-se como pode.
Da sua cabeça e das vestes,
Os mil detritos sacode.

Não recrimina a esposa;
Não lhe responde os insultos;
Na expressão dos seus olhos
Nenhum rancor, mas, indultos.

E, ao visitante perplexo,
Tranquiliza: é natural,
Que depois da trovoada,
A chuva venha afinal.

A NORDESTINO FILHO

Acompanhei com interesse
E analizei com atenção,
O "ADENDO" que oferece
O seu "PREDESTINAÇÃO".

Pensando a gente direito,
Justa é a sua indignação
Com que repele de geito
O covarde e a sua traição.

Solidário estou consigo,
Nesta arrancada de herói.
E quanto ao seu inimigo,
Cuja perfídia mais dói,

Destas verdades lhe domem,
Caro Poeta Nordestino:
—Quem nunca soube ser homem,
Só faz papel de menino.

Díz tambem velho rifão,
Que a gente dá o que tem:
Fubá de milho dá pão,
Milho grosseiro, xerém,

Quem guarda inveja ou ciume,
Nunca pode dar o amor.
Só dará mesmo o azedume,
Gosto mal-são do rancor.

Meu pai tambem já dizia,
Sobre o meu poltro alazão:
—Nuuca dá boa montaria
Quando o cavalo é choutão.

Embora a gente se zangue,
Esta é a verdade, porém,
Barata que não tem sangue,
Não pode dá lo a ninguem.

No seu caso, nobre amigo,
Eu deixava isto p'ra lá...
Seu julgamento e castigo
A História mesma os fará.

Cearense, como você,
Aquí dispeço-me, ufano,
Com um forte abraço, se vê,
Deste seu coestaduano.

REMINISCÊNCIAS

PAISAGEM DA MINHA INFÂNCIA

A Maria Joana Vasconcelos

Saí à tarde, um dia, a rever a casa antiga
Construida por meus pais, e onde eu nascí
E ensaiei os primeiros passos e crescí,
Dos trabalhos rurais entre a fadiga.

E ao doce relicário da saudade
Uma espaçosa estrada conduziu-me.
Atróz surpresa rápida aduziu-me,
Ao ver tudo desfeito em soledade!

Já não havia mais casa e nem cercado;
Suas árvores sumiram do quintal;
E o chiqueiro das cabras e o curral
Do gado; tudo houvera se acabado.

Onde os seus moradores? Dispersaram-se,
Tal como soem fazer os passarinhos.
Uns, a morte colhera; outros, seus ninhos
Construiram noutros sítios e mudaram-se.

Onde a mangueira, a cuja proteção
Em menino brinquei com minha irmã?
De onde se ouviam os cantos da cauã,
Pelas noites de luar e de verão?

Onde o balar da ovelha? A voz caprina?
Onde as vacas leiteiras do curral?
E o resplendor do quadro natural,
Cuja doce lembrança ainda fascina?

De tudo só me resta uma tapera,
Indícios de um passado estremecido.
Fiquei, de fato, triste e estarrecido,
Ao ver da vida o efêmero e a quimera.

Sentinelas de um passado, desfolhada,
Ainda veem-se, ali, velha laranjeira
Quasi morta e esquecida; e uma mangueira
Que sempre foi raquítica e acanhada.

Brotou-me na alma assim pesar profundo
Por tudo que perdera em minha vida.
Pois pressinto uma angústia refletida
Na face devastada deste mundo.

São as ruinas do meu tempo de menino;
Desolação completa em tudo havia;
Meu pai com minha mãi já não existia,
Lamentos do profeta, enfim declino.

Era aquí, onde se erguia a nossa casa...
Que vejo? Agora medram espinheiros,
Ervas daninhas, cardos, marmeleiros,
Sinais do esquecimento que lhe arrasa.

Da lagoa em frente, outrora, as garças brancas,
Alçavam seus ligeiros voos contentes.
Povoavam-lhe asas, gritos estridentes
Do tétéu e do marreco em ondas francas.

O páteo limpo e os capinsais virentes
Que orlavam seus terreiros pedregosos,
Envolviam lhes os aromas carinhosos
Que vinham dos arbustos florescentes.

E o seu quintal? Que belo aparecia,
Com o verde milharal e os laranjais,
As goiabeiras em flor e os ateirais;
Eido pé de açucena alí sorria!

Lá no fundo, de um paiol via-se a fachada
Que servia-nos de verões, às "batedeiras",
Ao extrair à palha, o pó, das carnaubeiras,
E às raposas, no inverno, de morada.

A casinha das cabras e os rochedos
Que lhe entornavam, revelando o teto.
Miniatura de um rancho havia repleto
Dos meus pobres e rústicos brinquedos,

Sob um velho cajueiro, ali pertinho
Da "casa de farinha" e do chiqueiro
Das ovelhas, tambem de um limoeiro
Que de limões ficava amarelhinho.

Aquí, se bem me lembro, neste exame,
Vasto pé de coité, sua galharia
Ostentava orgulhosa a frutaria,
Convertida, mais tarde, em vasilhame.

Vinha um florido pé de rosa-França,
Estéril azeitona e um romãzeiro
Que se cobria de pomos o ano inteiro,
Os quais, medicinais, dava de herança.

Umbuzeiro esgalhado ali crescia
E dava-me os seus frutos, muito bem;
Duas belas canafístulas, tambem;
A cujas frondes, eu, vezes subia.

Da casa ao lado e à beira do caminho,
Um frondozo juazeiro me ofertava
Sombra, frutos e espinhos, tudo dava,
E onde os pássaros vinham fazer ninho.

E um secular "pau-branco" que, enfolhado,
Ornavam-no mil flores trescalantes,
Lembrava-me, nas cores alvejantes,
Formoso veu de noiva, assim rendado.

Vizinha a uma cacimba que, forrada
De alvenaria, com o seu rebordo externo,
De cujo manancial, durante o inverno,
Extraíamos, para o gasto, a água azulada,

Existia sob a copa alcandorada
Dêste velho "pau-branco" forte e terno,
Um barreiro cheio d'água, que o falerno
Crispava a face azul, toda bordada,

Qual brilhante toalha oval, de opala,
Que desdobrasse a refletir fulgores,
Aberta em brancas, pequeninas flores.
Cujo aroma sutil rescende e exala.

O poeta das "Bucólicas", Leoni e Alves,
Casimiro e Vicente, Fontes e Dias,
Aquí teriam seus núcleos de harmonias,
E os seus "Suspiros Poéticos", Gonçalves.

As cercas de sabiá da estribaria,
E os painéis formidáveis do vargedo;
O conjunto, afinal, formoso e ledo
Que me fizera, outrora, companhia.

Já como palco às minhas travessuras
Danhinhas e infantís, quando aos seus ninhos
Roubava implumes, tenros passarinhos,
E atirava-os de encontro as pedras duras.

Já como testemunha dos castigos
Que, merecídamente, os recebia:
E até por faltas que mal entendia,
Sob os chinelos clássicos e antigos.

Sobre a colina ao norte, hoje deserta,
Qual sentinela viva do passado,
Velha palmeira assoma, o talhe ousado,
De entre a vejetação escassa e aberta.

Sugere-me à lembrança, em turbilhões,
Relíquias do passado; à luz do luar,
Ladrar os cães que ouvira, ao meditar
Seus longos pensamentos e ascenções.

E eu fico a refletir e às vezes penso
Os vejetais tambem com os seus instintos.
Parece vê-la em gestos bem distintos,
A acenar-me, com amor, seu verde lenço.

E eu ao vê-la contorcer-se, sob o vento,
Suponho-a presa de saudade imensa,
Que se exprime em tristeza e em dor intensa
Que emanam do passado, e é seu tormento.

Ó minha velha amiga e companheira
De infância, como o teu, meu ser soluça.
Morto o passado é a dor que mais aguça,
O não poderes ir, porque és palmeira.

Desejarias também partir, bem sei,
Poupando-te à paisagem desolada
Que dantes te alegrava, hoje mudada,
Insinua-te, da morte, a angústia e a lei.

Ou ficares assim, talvez prefiras,
A teres que romper com o teu passado,
Solidária ficar com o solo amado
Que te alimenta, embora a dor aufiras.

É um tal pensar sublime, nobre amiga!
Sê fiel e grata pela vida em fora,
A ofertar, abnegada, a qualquer hora,
Carinho a quem precisa, ó musa antíga!

Por muito tempo a recordar me ponho,
Só, absorto e mudo e preso de um torpor,
A minha infância linda a recompor
Num ambiente de ternura, amor e sonho.

Tinha alí acesso, outrora, um só caminho,
Apertado e sinuoso, entre acidentes,
Que os invernos tornavam florescentes
Sob o encanto musical que sai do ninho.

Os transeuntes dalí só eram pedestres,
Que iam e vinham, frequente, a passo lento;
E ouviam-se-lhe a quebrar o encantamento,
Relinchos prolongados dos equestres.

Lembro-me. Tinha medo da lagoa
Que refletia as árvores no fundo,
E esboçava o ceu azul, claro e profundo,
Com paturís a sobrevoar-lhe à toa.

Verdadeira obcessão me sugeria
Aquela profundeza refletida,
Que eu tinha a sensação irrefletida
Do abismo, no terror que me infundia.

De nada me valiam explicações
Que me dava o meu pai, pacientemente.
Abalava-me os nervos, mui frequente,
E tomava-me os passos e as ações,

Do espírito rebelde, até ao bom senso.
Aliás, não se me esvai ainda, totalmente,
Aquela grave impressão, quasi inclemente,
De falsa lucidez de um cunho intenso.

Se à minha mãi recados ia levar
Às minhas velhas tias,—moravam perto—
Um tamanho prazer sentia, de certo,
Junto a vago temor, logo a assaltar.

Tinha receio constante de encontrar-me
Com a raposa matreira, ou outro animal
De gigantesco porte,—é natural—
Que em caminho podessem devorar-me.

Frequentes vezes vi, com tal pavor,
Cruzar de uma a outra margem da vareda,
Suspensa sobre os ramos da alameda,
Uma cobra de cipó da mesma cor,

A barrar-me o caminho, indiferente.
E aquele reptil liso e luzidio,
Punha-me na alma o horror e um arrepio
No corpo que estacava, e, de repente,

Disparando a correr voltava atráz,
As aves a assustar e as borbuletas
Que pousavam nas árvores repletas
De flores e perfumes florestais.

Um riacho que, dali, corria pertinho,
Entre seixos de pedras e um areado,
Contornava-o, de um salto, amedrontado,
Cabelos sobre a testa e em desalinho.

E pálido e ofegante, explico a custo,
Tendo o terror nos olhos, transparente,
A aumentar a visão do repelente
Ofídio que me fez tão grande susto.

Dos alpendres da casa, circundantes,
Gostava, ainda me lembro, de ficar,
Horas a fio, sòzinho, a contemplar
A paisagem das matas verdejantes.

Que alegria, meu Deus, que gozo infindo,
No mistério das cousas pressentia,
Ao aspirar o perfume e a melodia
Das campinas em flor—cenário lindo!

Gostava de fitar a nuvem bela
Que se erguia do horizonte, no nascente,
Por traz do carnaubal adolescente,
A que um fulgor mais vivo se afivela.

Era a alegria do inverno, mais perfeita,
Pois gostava das chuvas, francamente,
E via, com tal prazer, a linfa albente
Desfiar-se, sobre as matas, liquefeita,

Pelos seus dias, a leda passarada
Faz concertos de cantos na floresta;
Por toda a noite se derrama em festa,
Numa orgia musical, a saparada.

Do Rio dos Caibros às fluviais enchentes,
Ouvia-se, manhãzinha, o ressonar
Da cachoeira, distante, a espanejar
Pesadas massas líquidas, frementes.

E aos soturnos rumores, sempre iguais,
Tudo se queda a ouví-los, mudo e grave,
O carnaubal, a mata e o canta da ave,
Na paz tranquila, às horas matinais.

Se a apoteóse das cândidas manhãs,
Tinha o claro sorriso das infâncias
E a orvalhada delícia das fragrâncias,
Com o musical dos pássaros, das rãs,

Sob a suave frescura matutina
Via-se, da cor alvíssima do arminho,
Como um sonho, a insinuar-se, no caminho,
A encher a várzea e os campos, a neblina.

Do alpendre, no beiral, floria a bonina;
E sobre as cercas do quintal vizinho,
A trepadeira em flor, com mais carinho,
Do seu aroma espalhava a essência fina.

Quando ardia o sol a pino sobre a mata,
A que o mormaço lhe cravava as garras,
O canto tremulante das cigarras,
Tinha o som de cristal de uma cascata.

Nos ocasos triunfais, ao fim do dia,
E ao lívido palor crepuscular,
Quais formas imprecisas erram no ar,
As imagens flutuantes da poesia.

À noite, alì, no alpendre. Alí. Olhai !...
Sentada ao chão, me punha, ardendo em zelos,
Minha mãi, em seu regaço, e os meus cabelos
Acariciava, a dialogar meu pai.

A vastidão, apinhava-se, dos campos,
Em noites invernais, noites amenas,
Destas gotas de luz, que eram serenas
E aladas multidões de pirilampos.

Os meus dias eram calmos e tranquilos,
No regaço feliz do lar paterno.
O silêncio da noite, amava-o terno,
Só não gostava do trilhar dos grilos.

Ao menino doentio que sempre fora
Objeto dos cuidados maternais,
Tolda se armava em tempo invernais,
Por sobre a minha rede, a qualquer hora.

Os morcegos que à noite sobrevoavam
Na alcova em que eu dormia, quando febril,
Minha mãi os imprecava, e, usando um ardil,
Lategó tendo às mãos que os enxotavam.

Recordo-me, igualmente, da feição
Do senso religioso desse lar.
Com guirlandas de flores sobre o altar,
Do mes de maio à grata aparição.

É que se festejava aquele mes
Em honra de Maria—Mãi do Senhor,
Com lindo novenário—Altar em flor,
Onde orações e cantos tinham vez.

Lembro. Atraia ao nosso lar a vizinhança
Que toda a noite vinha pressurosa
Cantar hinos de amor à Mãe bondosa.
Ao calor de sua fé toda esperança.

Na parede da sala principal,
Viam-se imagens dos Santos favoritos.
Bem no centro, o Oratório, e os mais bonitos
Adornos natural e o artificial.

E ao sacro bucolismo desse altar,
Curvavam-se essas almas reverentes,
A cujos pés, assim, depunham crentes,
Suas ternas devoções a murmurar.

De tudo guardo, enfim, recordação...
Mas, não vejo onde estás, passado amigo!
Onde as paisagens tuas, que em vão persigo,
Por vivê las de novo o coração?!

Ó meu torrão natal, meu doce ninho,
Que abrigaste os meus sonhos de criança,
Onde a feição tratada, ingênua e mansa,
Que outrora tinhas a ofertar carinho?

A ação do tempo, embora isto o desgoste,
De inanição prostrou-te e de despreso.
É tão grande a ruina a que estás preso,
Que nem pareces mais o que já foste.

Só da cigarra o canto estravasado,
Alonga a solidão erma e sentida,
Como se fora a voz do meu passado
Preso, aguilhoado, mas ainda com vida.

E cuja voz pungente e evocativa,
Parece vir do além. E os sons finais
Mergulham na voragem futiva
Do "Corvo" de Alan Põe, dos "nunca mais".

Por tantas emoções que já senti,
Ó deixa me chorar sobre o teu solo.
Acolhe os prantos meus, como um consolo,
Testemunha, que és tu, do que escreví.

E faze-os germinar numa roseira,
Que guarde em cada folha uma esperança,
Cada corola um sonho,—a infância inteira
Que aquí viví,—num pé de rosa-França!

O PÉ DE AÇUCENA

I

Perduram no meu peito, em cantilenas,
Recordações do velho lar paterno,
Da Fazenda Marquinho, enquanto externo,
Com a leveza sutil de suas falenas,

Dentre aquelas paisagens nais serenas
Que lhe marcaram com esplendor eterno,
Hoje ressalto comovido e terno,
Uma bela touceira de açucenas.

Plantada no terreiro da cozinha,
De uma velha azeitona, assim, vizinha,
Punha-lhe no ar sua graça natural.

Dois fenômenos reais se percebiam,
Manifestos e anuais, que lhe ocorriam
No mistério da vida vejetal.

II

Quando o verão chegava, era fatal.
—Aos beijos da soalheira impiedosa
Murrava-se a folhagem setinosa,
E em pó se lhe tornava o ser mortal.

Se das chuvas o orvalho temporal
Ensopava-lhe a terra pedregosa,
Renascia mais punjante e mais formosa,
De sob o solo escuro do quintal.

Era de ver-lhe a mágica estrutura.
Quão rápida crescia e se tornava
Em florida touceira de açucenas.

Punha carícias na alma a casta alvura
Com a delícia aromal que lhe emanava
Do pistilo e das pétalas emenas.

O VELHO PAU BRANCO

Sob um pau-branco colossal, gigante,
De vasta fronde acolhedora e bela,
Que no invernal período se constela
Em profusão de flores, delirante,

O seu perfume, sente-se, distante..
E entre as rochas estéreis se revela,
No milagre vegetal de sua capela,
A acalentar-me os sonhos bons de infante.

À sombra do pau branco, resguardado,
Pequeno poço fora ali cavado,
A linfa a fornecer durante o inverno.

À gruta de um rochedo, entre clarões,
Tinham lugar as nossas ablusões
E as travessuras de um sabor eterno.

RECORDAÇÕES

Ainda conservo na ânfora do peito,
Com o seu frescor de orvalho matutino,
Recordações dos tempos de menino,
Quando o gozo da vida é mais perfeito.

Nossa casa, o quintal e o som divino
Da música dos seres, rarefeito,
Pelas cousas do ambiente, e, no meu leito,
Com a macieza de um sonho adamantino.

Manhãs de inverno—a mata e os carnaubais
Coloram-se garbosos e joviais,
Sob um fundo de nuvens chuvedouras.

Tudo se obumbra à sombra das garoas...
Coaxam sapos nos riachos e lagoas,
E as chuvas caem pesadas e sonoras.

TROVAS

TROVAS

É praxe do bom cristão
Que tem vida mais perfeita,
Esconder da mão esquerda
O bem que faz a direita.

Toda mulher prepotente,
Para o marido bisonho,
Foi sonho que se tornou
Num pesadelo medonho.

Há na luz do teu olhar,
Uma tristeza mortal,
Como aquela que se coa
Da vidraça de um hospital.

Não sei de cousa que mais
Contraste dos olhos da gente,
Do que uma jovem bonita
Mulher de um velho demente.

Eu tenho visto, meu Deus,
Tantas cousas neste mundo...
Umas, trazem-me consolo,
Outras, desgosto profundo.

A multidão que aclamou
Jesus em Jerusalem,
Foi a mesma que o arrastou
Para o Calvário também.

O amor humano sem Deus,
É amor estreito e mesquinho,
Que não raro se converte
De paixões num pelourinho.

As multidões se parecem,
No seu juizo inconstaante,
As ondas bruscas do mar
Rolando enchente ou vazante.

Pisando o sólo da lua,
O homem, num feito imortal,
Quer libertar-se da terra,
Rumo ao mundo sideral.

Tal como o sol que se esconde
E no outro dia reaparece,
Assim são as esperanças
No coração que padece.

Madrasta, dizem, do amor,
A ausência, ou separação.
Quem está longe da vista,
Longe está do coração.

Que a tortura indizível
Que agora sofro e padeço,
Tenha, ó Deus, seu fim espero,
Como teve o seu começo.

Quem tiver o mau costume
De falar da vida alheia,
Saiba que das "profissões"
É a mais ingrata e mais feia.

Ódio e discórdia fomentam
As linguas maledicentes,
Plantando o joio do diabo,
Do trigal entre as sementes.

Tudo o que teve começo,
Terá seu termo outrossim,
Só Deus—Princípio de tudo,
Não tem princípio nem fim.

A chuva passa bem perto,
Aqui não pinga, a marisca,
É assim a felicidade,
Quando faz muito, chuvisca.

Que ninguem queira saber
Nossos pesares, embora,
Urge o espinho que nos fere
Ponhamos prestes p'ra fora.

Pede chuva o sólo seco,
O calor pede frescura.
A aridez do coração
Só pede afeto e ternura.

Os meus sonhos já se foram,
Como os pássaros do ninho,
Dei-lhes abrigo e alimento,
Mas me deixaram sòzinho.

O sonho nos alimenta,
E a esperança nos conforta,
O amor da força. E o desgosto,
Põe-nos fora pela porta.

Porque dizer aos demais,
A dor que fere o meu peito?
Se é prazer aos que me odeiam,
E aos meus amigos, sem geito?

A Deus tenho confessado
Meu pesar. Quem não faria
Tendo fé? Bastantes vezes
Ele escuta e silencia.

Sobre o silêncio de Deus
Quanto à amargura sem fim
Que me atormenta na vida,
Não sei porque faz assim.

Que valem toda a ciência
E as artes todas, se ao fundo,
Valem menos do que a morte
Que a todos leva do mundo?

Diz o adágio popular,
Que muita gente perfilha,
Que quem não pode com o pote,
Não ponha a mão na rodilha.

Aproveitar-se do tolo
Para exibir ciência vã,
É o mesmo que enfiar água,
Noite inteira até manhã.

Apurar sabedoria,
Quem nada sabe. é trapaça,
É introduzir a cabeça
Por onde o corpo não passa.

O maluco tem mania
De taxar de doido o são;
Tentativa de disfarce
Da sua falta de razão.

A riqueza nada vale,
No destino que lobrigo,
O rico morre e não leva
Nenhum centavo consigo.

O que vale na outra vida,
É a virtude que se leva.
Luz que brilha neste mundo,
Bem pode no outro ser treva.

Por orgulhoso que seja,
Todo homem é uma criança,
A brincar, de vez em quando,
Com esta menina,—a esperança.

Quando fazemos sofrer
Alguem, de leve ou profundo,
Concorremos com parcela
Para a tristeza do mundo.

Quando a esperança deserta,
Deixa vazio o coração,
E em seu lugar aparecem
A tristeza e a solidão.

Nossos atos e atitudes
Entram na trama da história,
Com os defeitos e as virtudes
A marcar-lhe a trajetória.

Quanto vemos sobre a terra
De beleza inacessível!
Quantos sonhos malogrados!
Quanta ventura impossível!

Muita vez a retração
Nasce de um caso pensado,
Quando a gente, sem querer,
Engole cada bocado!

É sentença lapidar
Que o mundo inteiro aceitou:
— A gente colhe na vida
A semente que plantou.

Nos bastidores humanos,
É uma doutrina corrente:
Não fazer aos outros o que não
Queremos façam com a gente.

Ao pobre dá-se uma esmola,
Ao rico dá-se um presente,
Apenas muda de nome
A mesma oferta da gente

Quando há calor, se te queixas,
Se te queixas, quando há frio,
Quando há clima temperado,
Porque te fazes vazio?

Toda a nossa vida é feita
De esperança e de desejo,
Quando estas cousas lhe faltam,
Desilusões entrevejo.

O pensamento transmite
Ao coração, de verdade,
Do passado "video tape",
Pela tevê da saudade.

Do coração ouvir é dom,
O timbre extratificado,
Das vozes que mais amamos
Nos caminhos do passado.

A câmara fotográfica
Da memória, mui perfeita,
Guarda a imagem do passado.
Quando nos fere ou deleita.

Sou mais feliz quando espero
Uma ventura distante.
Quando ela chega se perde
No banal de cada instante.

A ventura, muitas vezes,
É caprichosa e mesquinha.
Reveste a forma impossível,
Quando de nós se avizinha.

A doce felicidade,
Por quem se almeja e se sonha,
Com um gesto dúbio retrai
A face esquiva e risonha.

Felicidade travessa,
Quando suponho encontrá-la,
Ela me foge e se esconde,
Não me deixando abraçá-la.

Felicidade, ou ventura,
Prender-me aspiro em seus laços,
Mas, se me ocorre estreitar-lhe,
Não encontro nada em meus braços.

Felicidade, suponho,
A sombra do sonho meu,
Projeção que se desfaz
Quando tal sonho morreu,

A maneira mais concreta
Da gente mesma enganar-se,
É fazer sofrer os outros,
A si julgando exaltar-se.

Muito mais a admirar,
O ser humano contem.
Mesmo quando nos oprime,
Não nos merece desdem.

O relâmpago fuzila,
Enorme punhal de chama,
Rasgando o ventre da nuvem
Que o seu conteudo derrama.

O regougar, se parece,
Do trovão pelos espaços,
Ao rochedo da montanha
A rolar feito em pedaços.

A terra seca o desnuda
Do nordeste sofredor,
Quando o inverno lhe visita,
Cobre-se de verde e de flor.

Quando o dia amanhecendo
Vem, com as luzes de arrebol,
A passarada saúda
O nascimento do sol.

Gosto muito de cantar
As belezas naturais,
Com as tristezas soturnas
E as alegrias festivais.

Nunca se esqueça, meu bem,
Desta sublime verdade,
Quem planta amor e carinho,
Recolhe sempre a bondade.

Quando eu era pequenino,
Lá na Fazenda Marquinho,
Já tinha sonhos azuis
Que me vinham de mansinho.

As belezas da vitrine,
São todas artificiais,
Não tem aquele calor
Dos encantos naturais.

Mesmo a pérola mais linda,
Não vale a gota de orvalho,
Pingo de luz irisada,
Que pende à folha, no galho.

Para os lados do sertão
Já se forma o temporal.
Ralha o trovão majestoso.
Dando lhe o cunho invernal.

Saudosa e doce tristeza,
Enchendo o espaço, flutua,
Em noite de prenilúnio,
Quando canta a mãe-da-lua.

Se muge a vaca leiteira
Na porteira do curral,
Seja embora no verão,
Lembra-me a quadra invernal.

Sucedem coisas estranhas
A este poeta bisonho:
Quando está mais alegre,
Mais se parece tristonho.

Não me queiram nenhum mal,
Pelos modos que aparento,
Ser popular, é este dom,
Por cuja ausência lamento.

A ideia que o pensamento
Trabalha oculto e povoa,
Normal desce no coração
Dinamizando a pessoa.

Para o bem, ou para o mal,
A ideia aponta o caminho,
Conquistando o coração
Para o que é nobre, ou mesquinho.

Uma tristeza profunda
Se mescla nos sonhos meus.
Não maldigo. Jesus Cristo
Sentiu tristeza, e era Deus.

Se quizeres ser feliz,
Não ponhas nunca o desejo
Naquilo que as tuas mãos
De tocar não tenha ensejo.

Fujo do jogo da política,
Sendo eu "tolo", ela "sabida",
Quem nele não for "esperto",
Perde de todo a partida.

Eu nunca incenso queimei
Aos ricos e aos poderosos.
Amo a modéstia e a humildade,
Por seus dotes generosos.

Os maus instintos da carne,
São-nos cegos e exigentes.
Se lhe cedemos um pouco,
Tornam-se mais prepotentes.

A virtude é delicada,
Bondosa, calma e serena.
O vício, do lado oposto,
Só nos traz miséria e pena.

O mundo quasi não pensa
Nesta expressão de cinismo,
Quando invoca o nome "amor"
Para o prazer e o egoismo.

Distingamos nossa vida
Dos seres irracionais,
Que consiste no alimento
E nos deleites carnais.

Amar, as musas e os sonhos
Tem sido a minha tortura,
Mas, que importa, se me dão
Horas tambem de ternura!

Onde os outros não vêm,
Recolhe o poeta (acreditas ?)
Entre os cascalhos da terra,
As mais formosas pepitas.

A poesia não se limita
Ao rés do chão e aos espaços,
Chega até Deus infinito,
Indo pousar nos seu braços.

Quem uma vez penetrou
Nos umbrais da poesia,
Jamais na vida esqueceu
Seus encantos e harmonia.

Quem ainda não percebeu
O vínculo da poesia,
Que na Mensagem de Deus
Nos inspira todo o dia ?

A maior parte dos homens
Sente fome de Deus. Fio
Que, se não lhe dão acesso,
Morrerá de fome e frio.

Que vem ser o desespero,
Blasfêmia que sobe aos ceus,
Os paroxismos da guerra,
Senão a fome de Deus ?

Foi São Franciso de Assis
O poeta por excelência,
O Santo das multidões,
Do amor e da penitência.

Eu quisera ter saúde,
Cultura, graça e talento,
Para levar meus irmãos
De Deus ao conhecimento.

O mundo e a vida seriam,
Absurdos, sem ter a luz
Dessas verdades divinas
Da Doutrina de Jesus.

Os ódios são sentimentos
Negativos, são paixões.
Tem virus como serpentes,
E ninhos nos corações.

Numa atitude mental
Negativa, as mais das vezes,
Estão nossos sofrimentos,
Nossos maiores revezes.

Não te digo que tu chores,
Nem sugiro que te rias...
Que mais vale? Uma tristeza,
Ou um sorriso de alegrias?!

A sombra que faz a noite,
Como a luz que faz o dia,
São fatores positivos
Na geral cronometria,

O Evangelho de Jesus,
De tão sublimes verdades,
É um poema só de amor,
Só de perdão, de bondades.

Entre o pecado e a virtude,
Vive e cresce a alma cristã,
Para ao fim testificar
Que "tudo é graça", à luz sã.

Ordenou nos, Jesus Cristo,
Que nos amássemos, todos;
Nunca que nos amassemos,
Pois são contrastes de modos.

O mundo corre e se agita,
Se agita e corre a buscar
Paz, ventura e segurança,
Que não consegue encontrar.

A humana força e a razão
São frágeis e perecíveis,
Se lhes falta o sustentáculo
Das mãos de Deus invisíveis.

Ninguem jamais esperou
Em vão, por Deus, neste mundo.
Pareça embora o contrário,
No seu desígnio profundo.

Eu bem sei que te custou
Renúncia e esforço, bem sei,
Para, enfim, te converteres
No alguem que sempre esperei.

Esperança,—tu me deste
Toda a ventura que eu tinha.
Desengano,—me roubaste
A esperança que era minha.

A dor que mais nos tortura,
Nos traz remorsos, (sabeis ?)
É ver que fomos ingratos
A alguem que só bem nos fez.

Botão de rosa incipiente,
Serás mais tarde um desejo,
Quando a corola aromal
Desabrochares num beijo.

A data, assim, mais querida.
Às mãezinhas consagrada,
Bom seria no calendário
Em ouro fosse gravada.

A castidade e a pureza,
Hoje são mitos de amor.
Mas o sermão da Montanha
Ainda se encontra em vigor.

Jesus Cristo preveniu-nos,
Num dos seus pronunciamentos:
—Passará o ceu e a terra,
Nunca os meus ensinamentos.

Com Deus vivo não se brinca,
Dizem sábias Escrituras.
Pois Êle é senhor de tudo,
E nós, simples criaturas.

Bela Cruz,—cidade amiga,
Do meu berço. Em teus regaços,
Dormindo, sonho contigo,
Feliz acordo em teus braços.

Página de Poesia Moderna

HIPOCRISIA

Há muita gente neste mundo
Que, nem sei porque,
Num gesto incompreensível
De sadismo irritante
E de maldade,
De falta de caridade,
Anda à cata de escândalos,
Reais ou aparentes,
Para lançar de repente
As portas do seu irmão.

E ao surpreendê-lo um dia,
Vítima de sua falácia
Inexcrupulosa,
Com o bom nome perdido,
A honra mesclada
De elvas, e senões,
Leves uns, outros graves,
Ainda finge compaixão,
Quando sente,
Na verdade,
E intimamente,
Terrível complacência.

E a julgar-se,
Só por isso,
Virtuoso, homem de bem,
Inatacável,
Invulnerável,
Digno de consideração,
De louvor e respeito,
Que a ninguem perdoa
A suposta burla e a injustiça
Da sua inobservância.

E, enquanto expõe, assim,
A exibir,
A revolver
A insignificante lesão
Da alma alheia,
Pressurosa dissimula
Aos próprios olhos,
E aos olhos dos outros,
A asquerosidade,
A malignidade
Das próprias chagas.

Esquece, muitas vezes,
Ou não toma consciência,
Voluntàriamente,
Por ignorância,
Ou de má fé,

Para, enfim, preservar,
Remediar,
Amparar,
Restaurar
A própria casa,
Sèriamente ameaçada
De total ruina.

Mas, vai ateando o fogo,
Maliciosamente,
Indiferentemente,
À casa do vizinho.

E enquanto assim procede,
Ensimesmado,
E finge ignorar,
É mui frequente
Arder em chama acesa,
Visìvelmente,
Irreparàvelmente,
Por descuido e negligência,
Por culpa sua,
O próprio lar.

Mas, longe de convencer-se,
Arma-se de inocente,
Face a realidade.
E diz, para si mesmo,
Para os outros tambem,
Mentindo-se a si mesmo,
Se é possível,
E àqueles tambem mentindo:
—É infâmia
Odienta e má;
É inveja,
É calúnia,
É injustiça inominável,
É maldade, sòmente,
Das linguas faladeiras.
Minha casa é intocável;
Ela é prova de fogo,
Prova de vento,
Prova de tempestade,
É construida sobre a rocha.

Mas... afinal... o que vejo?
Sim! Enganam-se, velhacos,
São as chamas que devoram
A casa do vizinho.

ÍNDICE

	Pág.
DEDICATÓRIA	5
BELA CRUZ — (Cidade debutante 1972)	9
MEU BRASIL	15
QUEM ?	16
CINZA E FAGULHAS:	
Cinza e Fagulhas	19
PERSPECTIVAS E CLARÕES:	
Poema da Vida	23
O Homem na Criação	28
Ano Novo	31
Harmonia	32
Aspiração	33
Perspectivas	34
Elogio do Progresso	35
Do Mundo	36
Tendência Moderna	37
A Angústia Moderna	38
No Mundo dos Sonhos	39
Minha Opinião	40
Gosto Literário	41
A Glória	42
Música Inaudita	43
Escatologia Cristã	44
O Orgulho Humano	45
Discreção	46
Intuição do Nada	47
Visão do Mundo	48
A Providência Divina	49

	Pág.
Oração	51
Roubo Lícito	52
Desencanto	53
Desilusão	54
Exortação	55
Destino das Vaidades	56
Contrastes	57
No Oásis da Fé	58
O Sentido Cristão da Vida	59
Sonoplastia Cósmica	61
Hora Sublime	62
O Sofrimento Humano	63
Ideal	64
Vocação Ontológica do Homem	65
O Salvador	66
Flagrantes	67
Firmeza de Ideal	68
Opção	69
Na Bíblia	70
O Seixo da Estrada	71
A Voz dos Rochedos	72
Visão Cósmica	73
Reflexões	74
Na Ronda da Miséria	75
As Glórias do Mundo	76
Visão Positiva do Mundo	77
Visão Negativa do Mundo	78
A Caminho da Perfeição Cristã	79
Desígnio de Deus	80
Realidades da Vida	81
Refletindo	83

CENÁRIOS E PERFÍS: **Pág.**

Senhor, Porque Viestes? 91
À Gema Galgani 92
Carlyle Martins 93
Modus Vivende 94
Gladyzinha 95
Nossa Filhinha 96
Minha Vida 97
Excêntrico 98
Sintonizando 99
A Sonhar 101
Vem Comigo 102
Noite de Luar 103
Destino dos Sonhos 104
A Louca 105
O Novo Farizeu 106
Soneto do Patrono 107
À Jovem Guarda 108
O Passado 109
Falsa Aparência 110
Cenário de um Palco 111
Notiada Artística 112
Sen. Paulo Sarasate 113
Visão da Cidade 114
No Exílio 115
A Cruz do Brasileiro 116
À Virgem 117
Em Busca de um Ideal 118
Trinta de Novembro 119
Aos Normalistas 124

Pág.

No Rio Acaraú 127
Matinal 129
Simpatia Cósmica 130
Cidade de Acaraú 131
O Cristão 132
Tristezas 133
A Ti, Meu Irmão 134
A Voz da Poesia 135
Soneto 136
Bom Humor 137
A Nordestino Filho 139

REMINISCÊNCIAS:

Paisagem da Minha Infância 143
O Pé de Açucena 159
O Velho Pau-Branco 161
Recordações 162

TROVAS:

Trovas 165

PÁGINA DE POESIA MODERNA:

Hipocrisia 185

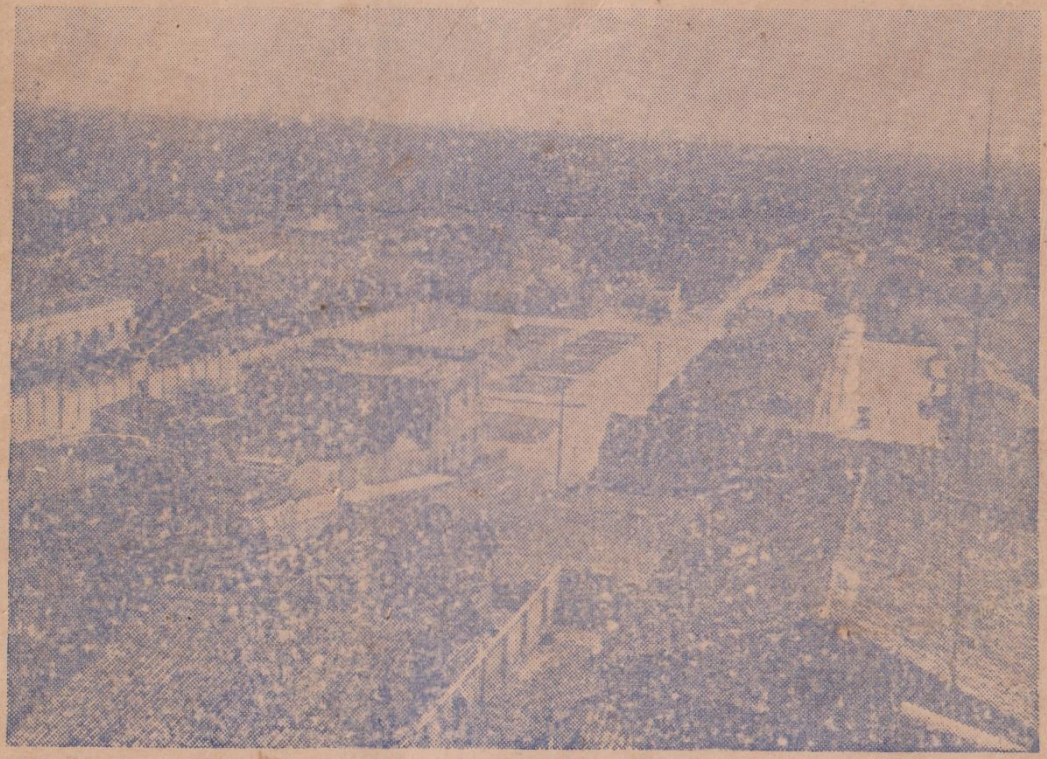
AO LEITOR

(Continuação)

a linha tradicional de versificação, ainda vinculada à expressão artística do passado, por ser a que mais coaduna com a minha sensibilidade estética.

Coerente com as proporções harmônicas que me empolgam, tentei, livremente, imprimir um cunho individual às minhas idéias e emoções pessoais, frutos expontâneos da intuição, de estudo, da reflexão e da própria experiência e convicções adquiridas, no contacto diuturno com a realidade multiforme, sumária e envolvente, da nossa vida colidiana.

O AUTOR



VISTA PARCIAL DE BELA CRUZ

IMPRESSO NA

EMPRESA EDITORA CORREIO • DA SEMANA

AVE[illegible] JOSÉ 673 — FONE 481 — SOBRAL-Ce.